

cidade jardim

*Análise ambiental do Programa Vila Viva - Serra
Urbanização de vilas e favelas em Belo Horizonte
Meio-ambiente e cidadania*

*Márcio Gibram Silva
Analista Ambiental
mgibram@ig.com.br*

vila nossa senhora de fátima
vila santana do cafezal
vila marçola
vila novo são lucas
vila conceição
vila aparecida

Seis vilas
seis favelas
com histórias diferentes
unidas pelo crescimento de cada uma
formando um aglomerado de vilas
o Aglomerado da Serra

Cinquenta mil pessoas vivendo
onde não se podia viver
numa terra do estado ou do município
numa terra abandonada pelo poder público

Em local que a cidade formal
nunca alcançou

Cidadãos
vivendo sem direitos
vivendo sem endereço
excluídos da cidade

Favela é um local
onde cidadãos vivem
sem infra-estrutura
sem a possibilidade estrutural
de ter um endereço formal

A história desta conquista
do cidadão fazer parte
da cidade formal
é a história do Vila Viva

1

origem

vila conceição

1926
primeiras
ocupações

1897
fundação
da cidade

belo horizonte

introdução

vila fátima

1940
primeiras
ocupações

atores

2

governança

3

1950
primeiras
ocupações

vila aparecida

4

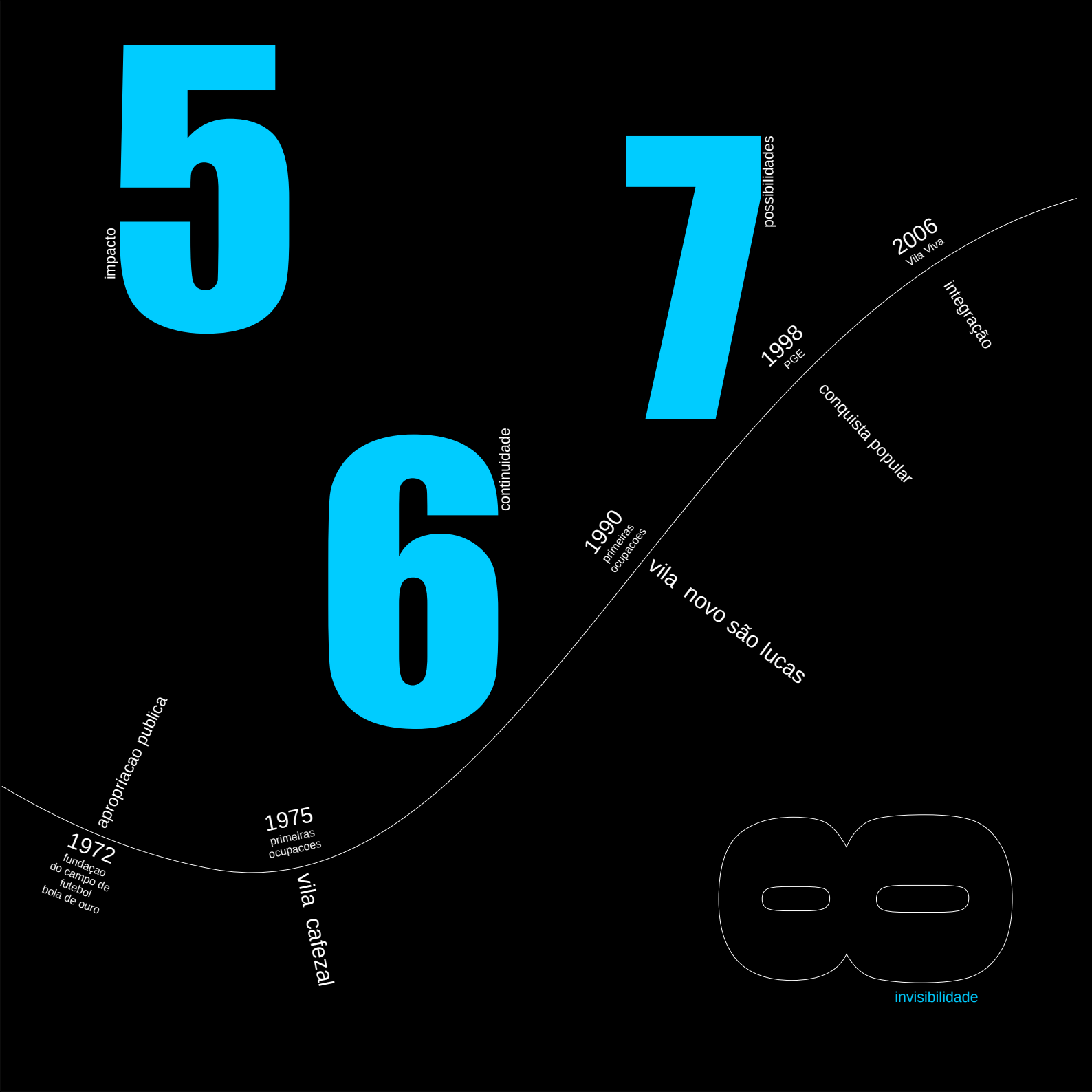
visibilidade

1966
primeiras
ocupações

vila marçola

1968
primeiras
associações
comunitárias

cidadania



A cidade sobe o morro
tomando posse do morro
retira moradores e casas
invade as poucas áreas ainda livres
proíbe acessos e caminhos
sobe o morro
colonizando
catequizando
dizendo ao morro
que aquela vida
não pode mais
ser vivida

A cidade aponta erros e defeitos
na vida do morro
a cidade passa pelo morro a trator
transformando e urbanizando
deixando um rastro por onde passa
pequenos pedaços de cidade
feito uma fábula de João e Maria
mas desta vez
apontando o caminho a se seguir
apresentando um caminho
pro futuro

Intervenções estruturantes



introdução

Na primeira aula de educação ambiental realizada numa escola da Vila Fátima, os alunos do terceiro ano do ensino fundamental, muito indisciplinados, mas querendo participar do diálogo com os novos professores da Prefeitura, começam a gritar todos ao mesmo tempo, respondendo a pergunta:

O que é meio ambiente?

E no meio da algazarra de respostas óbvias e vazias, uma voz tímida no fundo da sala responde insegura.

-meio ambiente é pracinha.



Um relato do trabalho que transformou limites em oportunidades.
Uma coleção de experiências, tentativas, ensaios, erros, acertos.



Com respostas às vezes tímidas às vezes inseguras uma equipe de pessoas subiu o morro para executar o maior programa de urbanização de vilas e favelas da América latina.

Realizar no maior complexo de favelas da cidade, o Aglomerado da Serra, intervenções estruturantes.
Legitimar uma ocupação irregular através da requalificação ambiental urbana e possibilitar a regularização fundiária integrando favela e cidade.
Uma maneira de apresentar vilas e favelas como meio produtor de habitação popular e não um problema urbano.
Integrar favela e cidade por caminhos legais
Estabelecer igualdade de direitos
Legitimar um assentamento irregular, que através da participação popular, alcançou o direito de ser participante da cidade onde vive.

Um programa de urbanização conquistado por participação popular demanda muito tempo e muitas pessoas na sua elaboração e execução. Pra cada pessoa existe um Vila Viva. Uma visão de favela, uma visão de cidade. Mais ainda, uma visão do processo de integração. Existem vários Vilas Vivas, que se encontram ou tentam se encontrar. Existem vários Vilas Vivas, que muitas vezes se estranham em desejos e objetivos. Objetivos sociais, econômicos, ambientais, políticos, que caminham juntos, separados ou paralelos.

Favela não é isto ou aquilo
favela são muitas
vilas mais ainda
cada uma diferente da outra

Cidade também
muitos bairros e diferenças
muitas cidades diferentes

Caminhar por diferenças
encontrar as semelhanças
seguir em frente sempre
porque favela e cidade
não tem fim



Pelo tamanho das calçadas
pode-se medir
a civilidade de uma cidade
o beco é uma rua
feita apenas
de calçada
uma rua feita
pra pedestre

A cidade chega ao morro
subindo pelos becos
tocando de casa em casa
trazendo esgoto, coleta de lixo
requalificando acessos e espaços

1

origem



O crescimento das cidades envolve também o crescimento das favelas.

Pensar no desenvolvimento das cidades implica pensar também no desenvolvimento das favelas. Hoje favela não é mais um canto escondido das cidades a espera da remoção.

A favela é, no mundo das cidades grandes, parte da própria cidade, não é mais um problema a ser extinguido, ela faz parte da estrutura urbana das cidades.

A conformação urbana aproxima as favelas de muitos conceitos e ideais de cidades mais sustentáveis.

De cidades mais compactas.

Prevalência de vias de pedestres. Maior relação com o transporte público. Maior possibilidade de encontros entre pessoas. Maior convivência e cidadania.

Por serem mais adensadas que a própria cidade a urbanização de favelas tem menores custos de implantação e manutenção de infra-estrutura urbana e serviços.

A urbanização também possibilita um aumento na multifuncionalidade das favelas, diversificando o comércio local aumentando as relações entre favela e cidade.

Mudanças sociais e espaciais provocam mudanças comportamentais. A possibilidade de endereço formal traz ao morador a expectativa de maior igualdade social, dando, ao empreendedor morador de favelas, maiores chances de crescimento. Mesmo com uma rede de transporte menor que na cidade. Mas com o acesso aos serviços urbanos necessários.

Legitimar um assentamento irregular através da urbanização e requalificação pode ser um caminho para o crescimento das cidades.

Investir em favelas como meio de produção de habitação, diminuindo o déficit de moradias das cidades.

Proporcionar a inserção de excluídos aos benefícios da cidade, diminuindo os prejuízos sociais causados pela falta de acesso a serviços públicos e privados. Melhorando a qualidade de vida da população.

A degradação ambiental e a pobreza são partes do contexto mais amplo de mudanças econômicas, sociais e demográficas associadas à periurbanização.
George Martine



Procurar semelhanças ao invés de diferenças faz do caminho das intervenções um caminho mais civilizado. Demonstrar mais respeito pelas diferenças entre a favela e a cidade faz da intervenção uma ferramenta de valorização da própria favela.

O projeto arquitetônico, respeitando as moradias já implantadas e executando infra-estrutura removendo o mínimo de casas, modifica a visão do morador em relação à própria favela.

A falta de endereço sempre trouxe ao morador de favelas a insegurança sobre o futuro da sua própria moradia. Ao garantir a permanência das moradias através da urbanização o morador se sente parte integrante da cidade.

A predominância de pedestres na cidade compacta tornaria os espaços públicos mais seguros e estimularia maior convívio entre os moradores.

Richard Rogers, no livro Cities for a Small Planet.

O crescimento inevitável das cidades e de seus arredores periurbanos nos países em desenvolvimento demandam uma abordagem coordenada e proativa. George Martine



Legitimar não é dar posse irresponsável a um cidadão. Legitimar uma ocupação irregular diz respeito à sustentabilidade do assentamento. A grande maioria das ocupações ocorre no Brasil em áreas de proteção ambiental. Regularizar busca o caminho da sustentabilidade desta ocupação. Permitir ao morador o direito a cidade deve antes de tudo assegurar a cidade sua própria existência e futuro. Transformar um problema ambiental numa solução. Requalificando o ambiente e o espaço construído.

Como construir uma cidade onde já existe uma cidade?
Uma cidade com 50 mil habitantes?
Algumas cidades foram projetadas e implantadas foram fundadas ou construídas com menos habitantes que o Aglomerado da Serra.

Urbanizar é levar infra-estrutura.
Garantir suporte a esta cidade já existente.
A construção de uma cidade já construída.

Qualificar. atribuir qualidades a. indicar a qualidade de. atribuir um título a.

Conseqüência grave que decorre desse expressivo crescimento de favelas diz respeito ao meio ambiente. As localizações das favelas se dão mais freqüentemente em áreas ambientalmente frágeis: beira de córregos, fundos de vales inundáveis, encostas íngremes, áreas de proteção ambiental. Maricato



Na paisagem
o capim
descortina a vista
o infinito
da a idéia
de que ali
posso jogar
o lixo

Numa terra abandonada
as pessoas constroem casas pra morar
invadindo um terreno alheio

a Prefeitura depois de anos
urbaniza e da titulo de propriedade
apoiada na constituição

Direito social da propriedade
direito a habitação
direitos outros
direitos e deveres
Cidadania

Belo horizonte - capital de minas gerais
mais de 2 milhões de habitantes
mais de 400 mil vivendo em favelas
no Brasil 85% da população vive nas cidades
quase um quarto destas pessoas vive em favelas
em algumas cidades quase metade da cidade
mora em vilas ou assentamentos irregulares

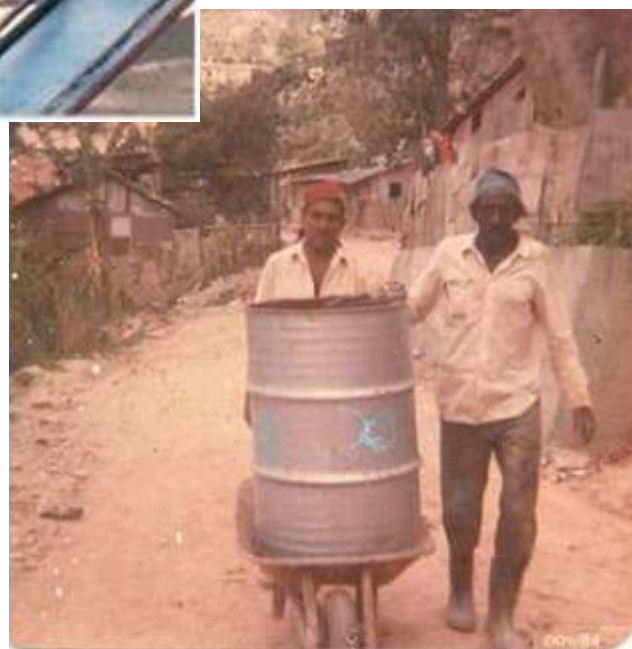
*O futuro dessas pessoas, o futuro das cidades nos
países em desenvolvimento, o futuro da própria
humanidade dependerá das decisões tomadas agora
em preparação para esse crescimento.
George Martine*

O Programa Vila Viva no Aglomerado da Serra é a maior obra de urbanização em vilas e favelas da América Latina. Tem por objetivo realizar a requalificação urbana e ambiental de um Aglomerado formado por seis vilas com 50 mil moradores em sua totalidade.



As intervenções do Programa Vila Viva se baseiam no PGE - Plano Global Específico. Trata-se de um estudo aprofundado de uma determinada favela que, a partir do diagnóstico físico-ambiental, jurídico-legal, sócio-econômico e organizativo do território e de seus moradores, elenca e hierarquiza as propostas e ações de requalificação e revitalização do tecido urbano, necessárias para torná-lo um habitat saudável e digno de moradia.

Este instrumento, além de ter a finalidade de orientar a alocação de investimentos e a execução técnica das melhorias propostas a serem implementadas posteriormente pelo poder público, se propõe a ser um instrumento que contribua na conquista e consolidação da cidadania de seus moradores.



1

A maior parte das pessoas do mundo, hoje, vive nas cidades. No Brasil quase 85 por cento. Um quarto destes habitantes vive em favelas em Belo Horizonte são quase 500 mil. A maneira que estas favelas são e serão vistas vai determinar o futuro da própria cidade. Como produzir habitação para tamanha parcela da população?

Diante deste fato tem início um outro caminho uma outra maneira de se olhar pra a cidade.

Integração.

Investir em infra-estrutura em assentamentos irregulares buscando uma maneira mais justa e proporcional de distribuição dos recursos públicos. Transformando um local excluído em cidade.

A participação popular, através do Orçamento Participativo, foi a maneira que a Prefeitura de Belo Horizonte encontrou de diminuir esta desigualdade e possibilitar o ingresso destas comunidades à cidade formalizada e regularizada.

A conquista e a garantia de intervenções fizeram com que o poder público comesse a se fazer presente nestas áreas. As intervenções de emergência também, realizadas com o objetivo de sanar ou evitar algum desastre geológico ou construtivo.

Esta presença possibilitou o conhecimento e foi desenvolvido um outro instrumento também com o objetivo de se regularizar estes assentamentos e possibilitar a integração

Foi desenvolvido o PGE um diagnóstico propositivo realizado por participação popular que realiza um levantamento de dados e de propostas de intervenções

Este diagnóstico se tornou peça fundamental na conquista de financiamentos e investimentos porque trabalha todos os eixos de desenvolvimento sendo um diagnóstico físico-ambiental jurídico-legal, sócio-econômico e organizativo do território e de seus moradores

Sendo um instrumento de planejamento

Quebrando preconceitos e diminuindo a ignorância a respeito destes assentamentos, os recursos são destinados com mais segurança e otimização.



1



A estrutura participativa do PGE possibilitou para as comunidades carentes de assentamentos irregulares o acesso aos instrumentos de democracia. Atuando de maneira direta na formação da cidadania. Mas o alcance deste instrumento ultrapassa os benefícios à comunidade, sendo na verdade um instrumento de exposição da realidade destes assentamentos. Provocando a queda de preconceitos formados pela sociedade e diminuindo assim os erros das propostas apresentadas e discutidas. Pensar em famílias carentes, por exemplo, acarreta uma imagem comum de grandes e desestruturados grupos morando em um mesmo local. O PGE desvenda e desmancha esta imagem através da coleta de dados e análise, revelando que, tanto na cidade formal quanto nas favelas, o número de pessoas dos núcleos familiares é semelhante. Diminuindo o preconceito e possibilitando um projeto arquitetônico mais realista e mais adequado para as unidades habitacionais e equipamentos urbanos. Todos os dados levantados pelo PGE são assim possíveis ferramentas de análise, mas também instrumentos de compreensão de uma realidade muito ainda desconhecida, auxiliando na tomada de decisões mais exatas e também como instrumento e fundamento de capacitação da equipe executiva.

Não adianta o plano ser feito e cumprir sua finalidade de diagnóstico e prognóstico se durante o processo executivo estes dados não forem compreendidos e analisados por toda a equipe.

A inter-relação e dependência das ações fazem do PGE um instrumento de aglutinação da equipe executiva.

Conhecer e respeitar o objeto de trabalho de todos, cada ação ou programa implantados, resulta também em ferramenta de comunicação com a comunidade que toma conhecimento das diferentes atribuições e da complexidade do programa.

Assim uma aula de educação ambiental ou uma reunião com os novos moradores das unidades habitacionais são tão importantes quanto uma intervenção física implantada.

O trabalho social ou ambiental ganha reconhecimento pela comunidade.



PGE

Plano Global Especifico

“Um instrumento de planejamento norteador das tomadas de decisão do poder público, da comunidade em estudo, das concessionárias de serviços públicos, enfim, de todos os agentes que se relacionam com esta população. [...] A meta final é propor uma solução integrada para cada comunidade, que contemple as três áreas básicas de atuação: Urbanística: pela elevação do padrão de habitabilidade; Jurídico: pela regularização da situação de propriedade da terra; Social: pela redução da pobreza e pelo desenvolvimento sustentável” (BRANDERBERGER, 2000, [s.p.]).

Belo Horizonte, é uma cidade com aproximadamente 2.100.000 habitantes, ocupando uma área de 335 km². Desta população, quase 21% (aproximadamente 450.000 pessoas) vivem distribuídas em 181 favelas, vilas e conjuntos habitacionais favelizados.

Como forma de enfrentar o problema e dar a ele uma resposta eficaz, a Prefeitura de Belo Horizonte definiu uma Política Habitacional e, para tanto, constituiu um Sistema Municipal de Habitação.

A Política Habitacional, que tem como diretriz geral a promoção do acesso à terra e à moradia digna, com prioridade para o atendimento das famílias de baixa renda, tem duas linhas de atuações básicas:

1. intervenção em assentamentos existentes (favelas), visando criar melhores condições de vida e elevar o padrão de habitabilidade desta população;

2. produção de novos assentamentos para a população sem-casa, com atendimento prioritário às demandas coletivas e organizadas.

A intervenção nos assentamentos existentes parte da compreensão de que as favelas são elementos da estrutura fixa da cidade e que podem se transformar num assentamento habitacional adequado.

Devido ao caráter reestruturador da intervenção, ela requer instrumentos de planejamento que norteiem uma ação coordenada e integrada do Poder Público e comunidades organizadas. Assim, as intervenções nas favelas, e principalmente a intervenção estrutural, são precedidas da elaboração de um Plano Global Específico para cada área.

Francys Brandenberger

o pge

tem seu maior objetivo a integração da cidade com a favela

Desde 1992, a Prefeitura de Belo Horizonte com o objetivo de democratizar a informação e incentivar a participação popular na administração da cidade desenvolveu os orçamentos participativos. Onde os conselhos populares participam, organizam-se e votam quais ações ou intervenções deverão ser implantadas.

O programa Vila Viva, parte executiva deste processo, se transforma assim num palco de discussões e acordos diretos com a comunidade.



Figura 3 - Fluxograma das etapas do Plano Global Específico - PGE

1



O Aglomerado da Serra começa sua ocupação antes mesmo da fundação da cidade

Belo Horizonte foi implantada em 1897 projetada sem espaço pra absorver a mão de obra necessária na construção da cidade sua periferia imediata foi sendo ocupada

Com o processo de industrialização a ocupação foi acelerada

E as favelas se tornaram hoje elementos da estrutura fixa da cidade podendo se tornar um assentamento habitacional adequado não sendo mais necessária a remoção das moradias

Através da elaboração dos planos globais foi possível perceber e apontar as vilas e favelas como instrumentos sociais de produção de habitação

No processo de urbanização de todo o Aglomerado serem gastos aproximadamente 40 milhões na construção de menos de mil unidades habitacionais e 130 milhões em melhorias urbanas para 13 mil moradias já existentes.

O investimento em requalificação urbana alcança um numero maior de beneficiários

A análise gerada pelo PGE possibilita também a discussão sobre modelos de cidade

Normalmente o investimento em intervenções estruturantes em assentamentos irregulares segue o caminho da implantação de elementos urbanos repetindo o desenho da cidade

Proporcionar o acesso do caminhão compactador a todas as seis vilas é um benefício que a implantação de uma avenida proporcionou

Conectar a vila com a cidade através de uma via que beneficia o transporte individual de passageiros produz na favela outro resultado

Possibilita acesso a serviços comuns e necessários a cidade

Uma avenida não é pra passar carro, na favela uma avenida tem mais funções, leva e traz muito mais

Caminhão de lixo, ambulância, transporte público, transporte particular, segurança, saúde, lazer e etc.

Coisas muito comuns a cidade formal mas que nas favelas eram raras de se ver

1



Transformar o processo de urbanização de uma favela em um processo de construção de cidades foi o maior desafio do Vila Viva.

Apresentar favela como o futuro das cidades, um futuro mais sustentável.

Buscar caminhos para esta construção, encontrar soluções para a integração desta cidade já existente, mas tão diferente, com a cidade formal.

Os problemas urbanos não estão apenas nas favelas. As cidades formais estão a cada dia mais em cheque com o crescimento populacional e com a necessidade de acolher a população pobre e carente.

Fechar os olhos para o crescimento vegetativo das cidades, acreditando numa contenção deste crescimento através de políticas de retorno ao rural, não tem sido possível. No Aglomerado da Serra, apenas 3% dos moradores removidos de suas moradias fizeram a opção de retornar pro interior.

Descobrir novas tipologias de cidades. Novas possibilidades de crescimento. Novas maneiras de construir o espaço urbano. Novos caminhos mais sustentáveis para as cidades.

O Vila Viva partiu nesta empreitada, sendo o primeiro programa de intervenções estruturantes deste porte na América Latina e talvez no mundo.

Esta caminhada teve início, mas não tem fim.

As cidades mudam, as favelas mudam, a sociedade muda. Mudança e integração andaram juntas neste processo. Aproveitar as mudanças espaciais para possibilitar caminhos de integração. Para encontrar caminhos para mudanças sociais, não apenas na favela, mas na cidade também. Apresentar novos olhares. Mostrando a responsabilidade de cada parte. Integrar é acolher. É receber. Mas é antes de tudo estar aberto pra diferenças e pra mudanças.

No alto do morro
bem acima da cidade
existe um castelo
por ficar na favela
ninguém da cidade vê

Pode alguém invisível
ser sujeito da cidade?

Participação popular
traz junto a multiplicidade

2

atores

O Vila Viva é o programa executivo do PGE.

Os atores desta execução são pessoas, instituições, organizações, financiadores, gestores, políticos, concretos ou não.

Atores que lutaram por esta execução. Um direito conquistado por uma comunidade, mas também por uma cidade inteira. Uma cidade com uma história de luta e coesão política. Uma cidade que percebeu, buscou soluções, arriscou muitas vezes, mas uma cidade que vem sendo exemplo na construção de instrumentos de participação popular como ferramentas de desenvolvimento e sustentabilidade. Uma cidade que a cada ano dá um passo adiante na formação de uma sociedade mais democrática e com melhor qualidade de vida.

Uma cidade que investe em seu cidadão. Que olha pra frente na certeza de que uma cidade melhor só é possível se for construída por todos e para todos.



urbel

A regularização fundiária de favelas
possibilita a transformação
de favelas em cidade
encontrar caminhos sustentáveis
para esta transformação
é o maior desafio da companhia
urbanizadora de Belo Horizonte

A URBEL (Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte) é um dos órgãos responsáveis pela implementação da Política Municipal de Habitação Popular criada em 1993. Naquela época, pela primeira vez em sua história, a cidade incluiu entre suas prioridades a habitação para a população de baixa renda ao considerar as vilas e favelas como parte da estrutura urbana. A partir daí a Prefeitura passou a intervir nestes locais, de forma planejada e organizada, com o propósito de incluí-los à chamada "cidade formal".

Um importante aspecto desta política pública foi a criação do Sistema Municipal de Habitação construído em parceria com os movimentos populares de luta pela moradia.

O trabalho da URBEL tem sido de grande valia na captação de recursos junto à União e a organismos financeiros para intervenções de revitalização urbanística, ambiental, social e de regularização fundiária nos aglomerados da capital.

O melhor exemplo disto é o Programa Vila Viva, considerado a maior intervenção urbanística em vilas e favelas do país e referência para várias outras cidades.

Outro programa de destaque coordenado pela URBEL é o PEAR Programa Estrutural Para Áreas de Risco, foi implantado em 1993 e tem colhido bons resultados ao assegurar proteção para as famílias que moram em locais de risco geológico.

A URBEL também é responsável por projetos e obras de urbanização nas vilas. Através do Orçamento Participativo/Vilas centenas de intervenções já foram e vem sendo realizadas nas comunidades com o gerenciamento e fiscalização dos técnicos da empresa.

O Programa de Regularização Fundiária é o mais antigo da URBEL, por meio dele, vilas e favelas e conjuntos habitacionais populares vem sendo regularizados, com a emissão dos títulos de propriedade aos donos dos imóveis.

Todo este amplo e diversificado trabalho tem o objetivo de contribuir para um melhor padrão de vida de meio milhão de belorizontinos. Um trabalho realizado debaixo de chuva ou sob o sol com o propósito de construir de maneira compartilhada, participativa e democrática, uma cidade melhor.

www.pbh.gov.br

2

“Expulsar os pobres da cidade” por meio de despejos ou práticas discriminatórias não é a resposta. Ajudar os habitantes urbanos pobres a se integrarem no tecido da sociedade urbana é a única solução duradoura e sustentável para a crescente urbanização da pobreza. George Martine



O processo de intervenção tem também papel educativo e de capacitação da comunidade para uma nova realidade a ser construída.

Requalificar um espaço é dar qualidade, caracterizar, dar nome a este espaço.

Provocar o reconhecimento de um lugar antes desprezado, despercebido ou degradado, dando a ele o caráter de lugar saudável, integrado à cidade formal.

Assim sendo, seria preciso encontrar no andamento da própria intervenção estruturante, uma maior integração com a comunidade, para isto seria necessário estruturar uma forma de diálogo entre a vila e a própria intervenção. Garantindo sua apropriação e sustentabilidade.

A integração física da favela ao espaço da cidade formal, através do redesenho, tem sido o caminho mais usado nos processos de intervenção.

Mas ao repetirmos as mesmas estruturas da cidade formal não estaríamos reproduzindo dentro da favela a mesma estrutura que gerou a própria exclusão?

O caminho escolhido pra esta integração foi o do potencial da própria intervenção como ferramenta de capacitação da comunidade.

A clareza e objetividade de todo o processo, desde a mobilização à entrega das obras, diminuíram os conflitos e principalmente apontaram para os benefícios de cada intervenção.

2 avenida do cardoso

O grande diferencial do Vila Viva e o seu maior benefício, em relação a outras intervenções em vilas e favelas, são sua abrangência, seu porte e a inter-relação dos projetos.

A implantação de uma grande avenida na favela, realizada como obra isolada, poderia ser profundamente equivocada e provocar reação desfavorável à apropriação desta intervenção. Mas a abertura da Avenida do Cardoso teve sua implantação como fato de grande impacto no cotidiano da população local.



2 avenida do cardoso



Objeto de intervenções isoladas do Orçamento Participativo (outro instrumento de participação popular) e anteriormente, de ações menores de infra-estrutura, o Aglomerado da Serra foi alvo da primeira experiência do Vila Viva e necessitava que o início das obras tivesse um caráter diferenciado de quaisquer outras obras já anteriormente realizadas. A avenida se transformou então num grande eixo de mobilização e capacitação de toda a comunidade, dando credibilidade às demais intervenções.

2

avenida do cardoso

A expansão do transporte público, tanto no traçado quanto no número de coletivos, a melhoria na acessibilidade dos moradores aos serviços públicos e privados, a integração entre as regionais centro-sul e leste da cidade, a interligação entre as vias já existentes e as implantadas no Aglomerado, o desconfinamento da vila e sua integração real com a cidade. Todos estes benefícios foram ampliados e melhor compreendidos com a própria intervenção como instrumento de apresentação de todo o Programa, tendo a abertura e a execução da Avenida como vocabulário comum entre a cidade e a favela. A recuperação de ruas e ou a implantação de novas vias, inclusive da própria avenida, foram também determinantes no processo de desadensamento de moradias, criando áreas mais permeáveis à ventilação, melhorando a salubridade dos espaços e habitações.



civilidade

o respeito foi a maneira de apresentar um novo espaço construído
respeitar o outro traz ao homem a noção de individualidade
a noção de público e privado

Uma intervenção estruturante realizada em uma comunidade excluída da cidade tem grande probabilidade de não ser compreendida e assim ser degradada. Um morador de uma vila pode não saber qual a utilidade da escada de drenagem construída e simplesmente fazer uso deste equipamento pra outra função.

Podendo utilizar como escada de acesso, ou pior, pode fazer uso daquele objeto construído como sendo um local pra lançamento de esgoto ou de lixo.

Assim um equipamento que deveria solucionar o problema de drenagem pode se transformar em um potencializador do próprio problema.

Como trazer para esta população o entendimento das intervenções?

Na cidade formal, o convívio constante com os elementos de infra-estrutura, deixam explícito sua função e uso.

Mas e nas vilas e favelas?



Ao se implantar elementos desconhecidos, em locais carentes desta infra-estrutura, tem-se a impressão de que seria o mesmo que tentar começar uma conversa, mas em uma língua estrangeira.
A favela e a cidade têm vocabulários diferentes.

Como encontrar então uma língua comum?
Como construir este diálogo?

Dando nomes.

Encontrando elementos comuns a estes dois vocabulários.

Ao se iluminar, colocar esgoto, possibilitar o acesso, construir um jardim numa área remanescente implantando uma praça ou ao se realizar um projeto de arborização de um beco, dá-se a este beco o caráter de via urbana. Encontra-se um nome em comum.

Na favela é beco. Na cidade é rua.

Mas são os dois, vias urbanas.

São, os dois, partes da mesma cidade.

Faz-se assim a tradução de uma palavra.

A intervenção funcionando como ferramenta de comunicação.



convívio

A intervenção tem de se basear numa relação de respeito com a comunidade, amparada num extenso trabalho social tendo como resultados a requalificação urbana do espaço e a sustentabilidade das intervenções ao longo do tempo.



Através da implantação de infra-estruturas e equipamentos urbanos de drenagem, acessibilidade, esgoto, lixo, iluminação, amplia-se a possibilidade de se transformar os becos em “ruas”, no sentido de adquirir características de uma via urbana, sem perder seu histórico de formação.

Implantando elementos paisagísticos nos becos do Aglomerado a intervenção ambiental apresenta o beco não mais como uma simples via de acesso às moradias, mas como um espaço de encontro entre a linguagem urbana e o morador. Ao encontrar no seu beco elementos comuns das ruas da cidade, ele reconhece o seu beco como uma via urbana.

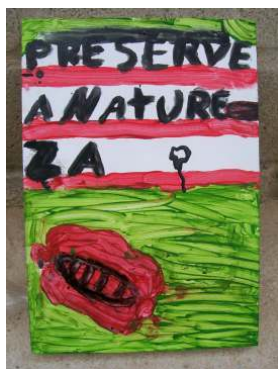
Este processo executivo realizado de maneira mais próxima da história do morador se transforma num instrumento que apresenta a intervenção física de um modo afável e leve, diferente de um processo meramente construtivo com objetos pesados, de concreto. O processo executivo ganha assim respeito e garantia de legitimidade.

identidade

No morro as pessoas têm nomes
de difícil escrita
Lá o nome não é um simples
nome próprio
Lá o nome é nome pessoal

Na hora de se apresentar é
preciso descrever
Steyvison
Com Y
Por favor

Cada nome pertence a uma
pessoa
Pra alguém sem muitos pertences
Um nome é muita coisa



No processo de ocupação irregular
a urgência da construção
e o desespero pela tomada de posse
fizeram dos becos pequenos corredores
desordenados e confusos
escadas de acesso entre muros e paredes
escadarias compridas e estreitas

No momento da urbanização
a instabilidade deste tecido já construído
a topografia e as próprias moradias
num processo construtivo dinâmico e intenso
inviabilizam o processo natural executivo

projeto obra

Cada beco é diferente do próximo
Uma nova metodologia foi necessária
transformando os becos em canteiros de obras,
mas também em escritórios de projetistas e técnicos
sociais, todos trabalhando juntos no mesmo momento

*O projeto
era feito na hora
saído do forno*

literatura espacial

Arquitetura instantânea na ocupação
e na urbanização

Ao subir as escadas do beco sem nome
ninguém imagina que aquela escada estreita
tenha um nome
mas sem nome virou um nome
dele e de muitos outros
acompanhados de sobrenome
sem nome 2, sem nome 3
Até sem nome 23, 24...



Uma pessoa da cidade formal que vá a uma favela, provavelmente, não entenda algumas situações como a não organização das vias circulantes. Entretanto, essa perplexidade acontece porque as pessoas da cidade formal e as das áreas não urbanizadas possuem vocabulários diferentes na leitura dos espaços.

As áreas caracterizadas como favelas tiveram como prioridade no momento da ocupação, as moradias; já na cidade, as moradias se constituíram a partir de uma infra-estrutura urbana planejada. Com ruas e espaços livres.

Nas favelas, os moradores constroem suas casas e os becos vão surgindo apenas como acesso a estas residências. Sem características de uma via urbana. A urbanização de um beco não pode dar ao morador a idéia de que o único benefício é a melhoria no acesso à sua moradia.

Urbanizar um beco é acima de tudo possibilitar sua interação com a cidade. Possibilitar um endereço aos moradores de vilas e favelas, integrando uma via, antes excluída, ao traçado formal da cidade.

Estabelecer qualidades e nomes. Provocar o reconhecimento deste espaço, antes degradado ou abandonado, em um local saudável. Legitimando uma ocupação irregular e possibilitando a regularização fundiária, ou seja, possibilitando o Título de Propriedade.

projeto arquitetônico

As obras de infra-estrutura implantadas em mais de 30 km de becos do Aglomerado levarão uma melhoria na qualidade de vida da população. Mas todo este trabalho deve ser também acompanhado de um trabalho de capacitação para que a comunidade reconheça estes elementos construídos e se aproprie deles.

A necessidade de o projeto ser informativo foi associada ao próprio projeto arquitetônico dos becos, estabelecendo cores vivas para os elementos construídos. Escada de drenagem, guarda-corpo, muros e etc. Valorizando a intervenção através do potencial informativo das cores, funcionando como elemento de capacitação da comunidade.

Assim o aspecto final da urbanização fica com um aspecto bem melhor e muito mais claro para a população entender os benefícios da própria intervenção física. Dando também ao beco uma identidade e característica de via urbana.



2 projeto arquitetônico

No morro existem muitos projetos sociais de assistência social, projetos de ONGs, voluntariados e etc.

Projeto então virou sinônimo de projeto social para as crianças.

Com o início da urbanização projeto ganhou mais um significado. Virou um objeto determinante para o caminho da intervenção.

O morador ao ver um profissional da Prefeitura de uniforme vermelho logo vem e pergunta:

- minha casa vai sair?

E a resposta quase sempre é:

-depende do projeto

O projeto então passa a ser determinante na compreensão pelo morador do processo executivo de urbanização.



ENTRE O SONHO DE EXECUCAO DE UMA INTERVENCAO,
EM UMA FAVELA QUALQUER, E SUA APROPRIACAO
O PROJETO ARQUITETONICO ATUOU COMO FERRAMENTA DE MOBILIZACAO
SENDO UM MODO DE EXPLICITAR A TODOS A SOLUCAO PARA UM DETERMINADO PROBLEMA

processo executivo

a simpatia social da engenharia foi também responsável pelo desenvolvimento

O engenheiro ou o fiscal
em cada casa e esquina que passa
encontra um morador atingido pela obra
o contato direto da fiscalização com o morador
foi o início da capacitação

Realizando o encontro
entre a obra e os moradores

Grande parte deste contato com a comunidade
foi feito pela ação da fiscalização de engenharia
que além de controlar a qualidade da execução das
obras realizadas pela construtora contratada
fica encarregada do diálogo com o morador

Ao apresentar a intervenção
como representante do poder público
ele da legitimidade e garantia daquilo implantado
este exercício de comunicação foi fundamental
para o desenvolvimento da obra
além de garantir maior sustentabilidade
apresenta e informa
mas também estabelece limites
o equipamento implantado é público



O beco agora é muito mais que um acesso
agora tem esgoto e muito mais coisa

Um beco também
é a cidade mais perto
um beco começa a apresentar
aquilo que a intervenção vem trazer
a melhoria física e social
da cidade formal
a urbanização de becos
dá início ao processo de compreensão
da separação entre público e privado
estabelecendo limites entre a via pública
e as próprias moradias

A dignidade respeitada
através da intervenção estruturante

Intervindo estruturalmente
implantando áreas públicas
traduzindo pro morador a linguagem da cidade
introduzindo no vocabulário da favela
palavras e significados

remoção e reassentamento

Um programa de intervenções estruturantes não tem como objetivo a troca do tecido urbano, e sim a legitimação da ocupação, o que resulta em legalização e titularização da propriedade. Mas a tipologia do assentamento e a geologia do Aglomerado da Serra resultaram em algumas situações de risco e adensamento. Alguns projetos de implantação resultaram na remoção de grande número de moradias.

O Programa Vila Viva contempla a construção de unidades habitacionais para o reassentamento destas famílias provenientes das áreas de intervenção ou risco geológico. Estas unidades são oferecidas a título indenizatório pelas benfeitorias realizadas pelos moradores em suas moradias, sendo dada ainda a opção pelo valor em dinheiro.

Serão ao todo 856 famílias beneficiadas com as unidades habitacionais, possibilitando uma transformação direta nas vidas destas pessoas. Estas transformações são então acompanhadas pelo Programa de Remoção e Reassentamento.

Com o objetivo de proporcionar a apropriação correta e a melhor conservação dos imóveis construídos, o Programa de Remoção e Reassentamento faz parte do Plano de Trabalho Social, junto com os Programas de Educação Ambiental e de Capacitação e formação profissional.

O trabalho de acompanhamento das famílias se inicia antes mesmo da remoção e mudança pro apartamento novo.

Reuniões são realizadas abordando temas relativos a condomínio, síndicos, assembleias.

Mas o PGE busca a integração o que o fato de mudar o morador de casa aproxima a cidade da favela?

O desenho da moradia traz a favela pra mais perto da cidade?



remoção e reassentamento

Minha casa é
onde não existe

O que muda na sua vida ?
- Agora eu peço pizza
e ela chega...

Ter um endereço formal muda tudo na vida das
pessoas.
Conta de água, luz, telefone, taxa de condomínio,
tudo isto chegando com o nome do morador.

A apropriação dos endereços é mais rápida nas
unidades habitacionais por causa da sua localização
sempre em rua ou avenida.

A implantação de unidades habitacionais em vias
estruturalmente formais, com trânsito de veículos,
transporte, serviços urbanos, trouxeram o morador
pra perto da cidade.

A possibilidade de participar da cidade
traz a favela pra dentro da cidade

Então um programa que deveria ser para ensinar as
regras de condomínio se transforma num processo de
descoberta de caminhos possíveis entre a favela e a
cidade.



remoção e reassentamento

Apresentar melhorias na estrutura da habitação não é suficiente para um morador se sentir integrado à cidade.

O Programa então desenvolve atividades de ocupação e capacitação profissional para adultos e crianças reassentadas.

Atividades lúdicas e educativas, cursos de bijuterias, culinária, garçom, artes.

E foi nas artes que um novo caminho se abriu.

Um grupo de arte terapia se formou com crianças dos condomínios.

Um pequeno grupo de crianças com problemas de adaptação às novas moradias e de relacionamento entre vizinhos começou então a fazer parte de um grupo de arte terapia.

Os resultados foram muito proveitosos e a atividade foi estendida a um maior numero de crianças.

O grande diferencial destas atividades e terapias é o desvio do foco.

Ao se organizar um curso de bricolagem ou culinária, o programa deixa de ser direcionado a questões de moradias e condomínios, deixa de apontar erros ou ditar novas regras de conduta para oferecer oportunidades e apresentar novas possibilidades de convívio.



remoção e reassentamento

Ao receber o apartamento o morador tem o compromisso de permanecer nele por dois anos sem poder vender ou alugar o imóvel, isto traz segurança pra Prefeitura e para o morador. Ao receber um benefício do poder público o cidadão fica impossibilitado de receber novamente este benefício. E neste período ele é acompanhado pelo trabalho social da URBEL.

Durante estes dois anos o programa se encarrega de acompanhar estes moradores e também de mostrar aos moradores os deveres de uma vida em condomínio. Deveres legais e sociais. Reuniões de acompanhamento e assembléias são organizadas.

Serão 856 famílias reassentadas. Mais de cem condomínios. Mais de duas mil pessoas. Que durante dois anos serão acompanhadas pelos técnicos sociais, psicólogos e demais profissionais. O trabalho tem sido realizado com êxito. Alguns indicadores demonstram que o caminho está dando certo. Ao se mudar para um condomínio o morador precisa compreender os princípios básicos entre aquilo que é privado e o que pertence a todos os moradores. Não apenas em áreas ou espaços, mas em modo de vida e liberdade de expressão. Regras que antes não existiam, passam a ser necessárias para o bem de todos.

Mas é justamente no cuidado pelo que é comum que o programa tem mostrado resultados positivos. Todos os condomínios estão sendo entregues com áreas permeáveis propícias para a formação de jardins. Estes espaços estão sendo de grande utilidade para o trabalho da equipe social no acompanhamento das famílias.

Um jardim valoriza o espaço e facilita a compreensão de espaço coletivo. Sem tratamento paisagístico o local fica com a aparência de local abandonado. Um local bem acabado se transforma em local de todos. Todas as plantas são identificadas e cada morador recebe material com o histórico do jardim, bem como um mapa de localização de cada espécie. Assim um jardim que a princípio tem apenas qualidades e funções estéticas, no Aglomerado ganha qualidade de ferramenta de capacitação para as atividades do trabalho social.

Os primeiros condomínios implantados foram entregues com os jardins realizados por empresa de paisagismo.

Infelizmente estes jardins não tiveram o objetivo alcançado de promover a apropriação destes espaços.

Um jardim realizado por uma empresa deu ao morador a falsa idéia de que estas áreas eram de propriedade da Prefeitura e não do próprio condomínio.

jardim



Como realizar executar implantar projetos paisagísticos num lugar ainda sem definição de uso?

De novo com muito respeito, de novo requalificando dando qualidade, dando nomes.

Um projeto paisagístico ou arquitetônico deve respeitar a favela, deve deixar claro a que veio, deve demonstrar a diferença entre público e privado e no caso das áreas de condomínio, entre o que é privado e o que é de todos os moradores.

Na favela não precisa
ter coisa da Prefeitura
do arquiteto
do prefeito
do vereador
de ninguém
Na favela precisa ter
aquilo que é público

Reconhecer naquele espaço
a importância do próprio espaço

Trazer ao morador a responsabilidade de cuidar
destas áreas mas possibilitando aos moradores
benefícios diretos ao se cuidar destas áreas.

Os jardins são executados numa parceria entre as equipes ambiental e social dentro do programa de formação e capacitação, onde alunos do curso de jardinagem trabalham junto com os moradores. As mudas são fornecidas pelo viveiro do Vila Viva, implantado pelo programa na área do Parque da Terceira Água. Este trabalho tem assim o papel de levar os moradores a conhecerem as áreas de parques já recuperadas e renaturalizadas. Melhorando a relação do morador com seu entorno. Esta metodologia trouxe aos condomínios maior personalidade e melhorou a apropriação das áreas públicas. Cuidando juntos de um jardim comum, as relações entre os vizinhos se tornam mais próximas, trazendo resultados também na compreensão da necessidade da cooperação. A vida em condomínio sendo traduzida pra uma linguagem mais simples e próxima.

Cuidar é a única forma de garantir a sustentabilidade

Trabalhando a relação coletivo e privado o morador passa a compreender melhor o convívio em condomínio.

2
qualidade

Minha casa não tinha chão de cimento
Não tinha parede com azulejo
Nem mesmo tinha telhado direito
Mas era digna de moradia
Porque morava ali
A minha família

A qualidade construtiva apresentada ao morador dos apartamentos aumentou o nível de exigência deste morador.
A reclamação é um sinal de inclusão.

Perceber caminhos onde reclamar é sinal de cidadania.

Ao reclamar de um pequeno defeito ou querer saber sobre alguma dúvida em relação à nova moradia, o morador se torna mais presente da cidade, participando mais de instrumentos de comunicação com o poder público.

A URBEL, através da equipe social, agindo como representante do poder público apresenta a possibilidade de um cidadão, antes excluído da cidade, participar desta cidade.

Não aceitar coisas defeituosas comprova mudança de postura diante do benefício adquirido
exigir qualidade dos serviços públicos mostra cidadania.

Nada de assistencialismo social ou paternalismo político.



2 trabalho sócio organizativo

Por que capacitação?

Lidar com uma nova realidade não é uma tarefa fácil pra ninguém.

No morro a cada moradia

vive um empreendedor

alguém que vive de coisas ou serviços que vende



Pedreiros, carpinteiros, serventes, jardineiros, empregadas domesticas, faxineiras, costureiras.

A maioria da população trabalha na construção civil ou na prestação de serviços.

A urbanização deve abrir as portas da cidade pra favela e as da favela pra cidade.

Possibilitar o desenvolvimento dos moradores através de cursos de capacitação e formação, resultando numa maior qualidade profissional, aumenta as chances de inserção no mercado de trabalho.

Oferecer estes cursos durante o processo de intervenção tem o objetivo de estimular o morador no desenvolvimento pessoal e profissional.

2 trabalho sócio organizativo



Formar uma cooperativa de costureiras foi uma tentativa de se estruturar um caminho de desenvolvimento. Funcionando também como escola de formação e capacitação em costura. As dificuldades normais de crescimento e independência financeira de uma cooperativa ficam maiores e mais marcantes num programa como este. De novo a idéia de assistencialismo prejudica o trabalho. A tomada de decisões ainda fica dependente das decisões do programa. Os cooperados se sentem empregados do programa, submissos a ele. Às vezes a necessidade de sucesso faz da dedicação um atropelo. Um programa pioneiro deveria se permitir tentativas e erros. Cooperativa só é possível quando o objetivo é muito claro e quando o papel de cada cooperado é fundamental para este objetivo e percebido por todos os outros.

A formação da Escola de Jardinagem foi também outra tentativa de formação e capacitação profissional, mas a constituição de uma Equipe Executiva Ambiental também implicou numa relação de dependência ao programa destas pessoas. A dificuldade de se formar um perfil empreendedor aos formandos em jardinagem, como prestadores de serviços forçou o desenvolvimento de metodologias de mobilização social objetivando maior relação do profissional com os futuros clientes da cidade formal. Metodologias de marketing pessoal, introdução a ferramentas de comunicação como maneira de apresentação e divulgação de serviços, acesso a cursos de atualização e desenvolvimento profissional. Direcionando os integrantes da equipe ao mercado de trabalho, mas principalmente valorizando o investimento pessoal como possibilidade de incremento de renda.

Integração setorial

Lugares diferentes
linguagens diferentes

Para quem não vive ali
é sempre um absurdo alguém lançar o lixo
no córrego atrás de casa ou na escadaria de
drenagem
mas pra quem vive ali
levar o lixo até ao ponto mais próximo de coleta
pode significar o absurdo
de quinhentos degraus

Lançar o lixo na escada de drenagem
parece não só ser a solução mais fácil
mas também a mais adequada
porque quando chove a água leva o lixo embora

O pior inimigo da saúde
é o lixo cotidiano
um saco de lixo
todo dia
durante anos
degradam qualquer espaço
muito mais que o impacto
causado por intervenções

Possibilitar uma nova rede de acessos
a coleta de lixo
provoca mudança na relação
do morador com o espaço ao seu redor

Na urbanização a implantação de equipamentos
urbanos traz mudanças nas vidas das pessoas.

O mato e o córrego recebem o lixo
a cada ano alguém coloca fogo
o capim volta a crescer e a esconder
o que ficou do lixo queimado e mais o lixo novo

O saneamento limpou os córregos
transformando o curso d'água
em equipamento de lazer

O que fazer agora na hora de jogar o lixo fora?

O caminhão de lixo e os garis
deveriam entrar no morro tocando musica
distribuindo doces e presentes
pra crianças e adultos
formar na rotina das pessoas
o horário e os locais de coleta de lixo

O programa Vila Viva
não recolhe o lixo
isto é uma atribuição da SLU
superintendência de limpeza urbana

Trabalhar junto com as demais prestadoras de
serviços facilita o resultado final da intervenção

Planejar pensando em transformações futuras

Integração setorial

*Tem uma casa na esquina
esquina de beco
Tia Nastácia com São Vicente
o muro está caindo*

*Se a prefeitura passar
com a obra de urbanização
o muro cai
a prefeitura refaz o muro*

*Na casa dela
tem quintal
cheio de frutas e flores
ninguém vê
o muro tampa*

*Se o muro cair
todo mundo pode ver*

*Na esquina agora
o muro ainda no chão
Tia Nastácia com São Vicente*

O Jardim da Dona Rita

Jogar o lixo fora
é muito difícil
quando o serviço
de coleta urbana
ainda é insuficiente

Requalificar um espaço
onde a cada dia
dezenas de toneladas
de lixo doméstico
junto a entulhos
e terra escavada
são lançados
por todos os lados
também não
foi fácil

Foi preciso
anunciar

educação ambiental
capacitação
ocupação
reunião
assembléia
informação
intervenção

Foi preciso tirar o lixo
das esquinas e córregos
e colocar ali jardim

2 Integração setorial

Os serviços de água, esgoto e luz são atribuições do Governo do Estado. O programa de urbanização é do Município. Este diálogo foi fundamental na execução das intervenções.

O acesso ilegal a serviços de água e luz ainda é muito comum em favelas. Mas aqui o PGE foi de novo essencial ao constatar que a grande maioria da população já paga por estes serviços. Na maioria das vezes um morador é cliente da concessionária e vende este serviço para vizinhos.

O programa deveria possibilitar a compreensão de que a ampliação destes serviços também iria acontecer, mas que a melhor maneira de ter acesso a melhores serviços é quando o cliente se relaciona diretamente com a prestadora de serviços. Aqui de novo suportar as queixas foi instrumento de capacitação. Ser o intermediário da relação foi mecanismo de capacitar a comunidade a ter a situação de ilegalidade resolvida. Um endereço com água e luz, é um documento de identidade pro convívio com a cidade.

Ao trabalhar junto com as prestadoras de serviço na execução das obras, o programa direcionava as reclamações diretamente a concessionária. Deixando claro quais as obras eram do programa e quais não eram. O programa estabeleceu caminhos de diálogo entre a cidade e a favela. Entre as prestadoras de serviço e o morador das vilas.

Estabelecer acordos é um grande sinal de maturidade e responsabilidade. Se um programa de urbanização cooperar com isto ele se aproxima cada vez mais de seu objetivo.

Integração



2

Rede social

Educação ambiental



A saúde teve um destaque muito forte no programa de educação ambiental por que os resultados do saneamento de esgotos, trouxeram benefícios bem imediatos.

Retirar o esgoto a céu aberto dos becos e drenagens, traz de imediato, salubridade ambiental fácil de ser percebida e apresentada.

Educação ambiental

Levar as crianças pra ver e conviver
como córrego despoluído
conviver com um pomar de frutas
e um viveiro de mudas

Apresentar novas maneiras de ver o espaço

2

Rede social

Educação ambiental



A proposta inicial do programa foi elaborada na forma de módulos de estudo apresentados nas escolas, postos de saúde e projetos sociais do Aglomerado. Atingindo professores, agentes comunitários e monitores educacionais, estes funcionariam como multiplicadores do programa. Com noções de meio ambiente, saneamento, zoonoses e doenças, lixo, cidadania e sobre as próprias intervenções, o programa rapidamente se tornou referência de divulgação das atividades e ações do Vila Viva. As escolas inseriram na grade curricular atividades ambientais e junto com os projetos sociais elaboraram ações de cidadania e apropriação dos espaços construídos.

Depois de alcançar toda a rede de assistência social e cultural do aglomerado o programa desenvolve uma metodologia de módulos e atividades para crianças. Trabalhando mais de perto e mais intensamente com turmas específicas em escolas do Aglomerado. Fazendo do meio ambiente uma atividade, uma matéria escolar.

Trabalhando questões relacionadas aos problemas ambientais e as soluções implantadas pelo Vila Viva. Estando de maneira mais constante nas escolas, a educação ambiental toma um caráter de necessidade no ensino e mais ainda atua como valorização do próprio espaço requalificado pelas intervenções.

2

Rede social Educação ambiental



Trabalhar com a rede social já estabelecida na comunidade deu também credibilidade ao trabalho de educação ambiental. Estar dentro da favela, circulando nas escolas, projetos e postos de saúde trouxeram proximidade. Apontou pra relações mais próximas com o espaço que estava sendo construído. Com o espaço que estava sendo requalificado. Apontou novas direções de olhares. Novas relações espaciais.



2

Onde está a cidade perfeita?
A idéia é buscar,
e não eliminar a tensão
porque a tensão não se elimina,
é a tensão constante
de uma guerra de relatos.
Italo Calvino

enfim
os atores são muitos
e muito difíceis de serem identificados
como entidades isoladas
muitos atores
muitas relações entre estes atores
varias redes de relações
constituindo mais atores
Prefeitura
URBEL
equipe executiva
lideranças comunitárias
agentes financiadores
construtoras e empreiteiras
programas planos e projetos
intervenções físicas sociais e ambientais
jardins pessoas histórias de vida
e um futuro ainda pela frente



Na cidade formal o poder público
implanta e mantém a infra-estrutura.
Em vilas e favelas sempre que se pensa
em obras e intervenções surge o tema:
gestão compartilhada, mutirões.
Por que estas tentativas de gestão não são testadas
ou conduzidas na cidade?
Por que a cada ação do poder público
quando direcionada à pobreza
tem que ser assistencialista, solidária, comunitária?
Por que o cidadão da cidade formal pode ser servido
e o pobre tem sempre que ajudar a construir?
Um programa alcançado pela participação popular
tem o direito de ser executado da mesma maneira
que seria executado se fosse na cidade.
Urbanizar é construir cidade. Favela é cidade.

3

governança

A cidade subiu o morro
por assistência social
em emergência
nas horas de tempestades

Na hora do socorro
o lado solidário
supera diferenças
possibilita contatos
encontros e diálogos

A presença do poder público dentro das favelas
nas emergências sociais
trouxe respeito e credibilidade
possibilitando a execução das intervenções



3

Integração Política pública que objetiva integrar no seio de uma sociedade as minorias



O objetivo maior do PGE
Integrar vila e cidade

Para integração é necessário encontrar uma
linguagem em comum. Um conceito em comum.
As intervenções funcionam como um anúncio,
uma informação.

A comunidade responde sempre.
Assimilando o que foi dito (apropriação dos espaços
construídos)
Ou recusando (depredação e abandono)

A participação popular em todas as etapas do PGE
busca este diálogo. Encontrar esta língua comum.

Um projeto desse porte traz uma transformação social
inevitável.

O Plano de Controle Ambiental estabelece como
instrumento de diálogo o desenvolvimento do Plano
de Comunicação, pretendendo ser o catalisador
desse processo.

Diagnósticos já foram feitos, as soluções já foram
enumeradas e decididas pela comunidade,
de forma participativa.
Nesse momento surge a necessidade
de que a informação atinja a toda a comunidade
e desse modo capacitá-los à nova realidade
construída.

Capacitação:

Por que capacitação?

Lidar com uma realidade desconhecida é uma tarefa
árdua para qualquer um, por isso a palavra
capacitação entra com o sentido de tornar possível
que o morador do morro se aproprie das mudanças
resultantes das intervenções para que desse modo
seja capaz de exercer uma cidadania plena.

3



A maior dificuldade do programa foi o próprio processo executivo. O pior problema foi entender as dificuldades e transformá-las em possibilidades

Quando pensávamos ter encontrado um fluxo tranquilo, surgia um grande imprevisto.

A cada beco, praça ou avenida implantada uma nova realidade desconhecida se revelava

A dinâmica social e física de uma favela incapacita a base topográfica dificultando a coleta de dados precisos
Em um dia, um terreno inclinado
na manhã seguinte
um corte de terra e a fundação de mais um barraco

Outros diagnósticos foram tendo que ser refeitos à medida que a obra física, social ou ambiental tornava-se mais próxima da sua execução

A integração da equipe foi fundamental para resoluções rápidas e compatibilizações

As histórias e conquistas do programa Vila Viva são maneiras positivas de urbanização

Urbanizar uma favela de cinquenta mil pessoas encontrar caminhos entre dois mundos diferentes

Buscar linguagens e palavras em comum que possibilitem o diálogo nesta área de tensão.

Descobrir e criar maneiras possíveis de convívio e integração entre dois mundos separados pelo preconceito e desconhecimento.

A degradação é uma resposta da comunidade ao equipamento implantado
uma resposta bem positiva, bem explícita.
de que ao menos aquele local foi reconhecido como lugar.



Estar presente no local da intervenção
foi um caminho de se melhorar o processo
de se entender melhor a causa
das dificuldades apresentadas
resolver conflitos sociais
estabelecer estratégias de sustentabilidade
direcionar as compatibilizações de projetos
intermediando a participação

Um projeto feito através de um diagnóstico
participativo não deveria ter tantos problemas na sua
implantação.

Qual a distancia entre o projeto e a obra a ser
executada?

Neste espaço se encaixa a gestão

Apresentar a intervenção e possibilitar sua aceitação
e apropriação.

Equalizar a necessidade com a possibilidade
o ideal global do projeto sendo possível pela
adequação local especifica

Urbanizar uma favela é muito mais difícil que começar
uma cidade do zero.

Ali já existem pessoas, moradias e histórias.

Consertar uma estrutura deficiente, refazer um
equipamento urbano realça o erro do ser humano.

Ao apresentar uma intervenção o processo executivo
tem que ser informativo sem ser agressivo.

Provocar mudanças apresentando benefícios.

3

Na esquina de dois becos
antes local de jogar lixo
a Prefeitura fez um jardim
o lote agora tem fim
acaba num jardim



Dois mundos diferentes ligados temporariamente pelo processo de intervenções estruturantes por diretrizes, regulamentações, por leis e regras de conduta, antes desprezadas, e agora impostas por um dos lados.
- aqui você não pode mais morar, tem que sair.
Imposição feita pela cidade que agora invade o morro.

Diminuir as relações de conflito individual apresentando sempre os benefícios públicos do programa foi uma maneira de trazer, pra uma comunidade, tão acostumada a leis e regras diferentes da cidade, o conceito de civilidade. Demonstrando que todas as intervenções foram conquistadas por todos. Em benefício de todos. E que para se alcançar estes benefícios, algumas mudanças são necessárias.

Uma nova realidade só se constrói com uma nova postura de vida.

Integração não é um caminho de uma só via
Integração não é assistência social

A favela não pode apenas receber benefícios vindos da cidade
é preciso que todos os moradores modifiquem a relação patrimonial que tinham com o espaço

É preciso ver a favela com outros olhos
é preciso então que a intervenção apresente a favela de um outro modo com mais qualidade de vida pra todos mas também com maiores responsabilidades para todos

Apresentando melhorias mas também limites

A liberdade de um terminando na liberdade de todos

3

*Na falta de acesso à moradia
o cidadão constrói a própria cidade
invadindo áreas e locais
produzindo habitação.
Urbanizar é a formação
desta cidade paralela
onde cidadãos
vivem sem endereço*

Favelado já é cidadão



Mas como a gestão de um processo executivo pode ser responsável por apresentar limites, regras e leis? Como fazer de uma obra de pavimentação uma ferramenta de educação?

Pela clareza das intervenções
pela disponibilidade em atender e explicar dúvidas
pela prontidão de uma equipe em resolver conflitos
pontuais transformando cada ação em capacitação.



Civilidade: sinal de respeito mútuo e consideração.
polidez. urbanidade. delicadeza. cortesia

Urbanizar é fazer de um lugar cidade também
Urbanizar é construir direitos adquiridos
não é fazer caridade

Implantar uma avenida, uma rua ou um parque
não é assistência social, não pode nunca ser
ajuda a necessitados

3



Numa reunião de projetos e obras
a planta de remoção de moradias sobre a mesa
mostrando quais moradias já tinham sido removidas

No desenho casas pintadas de cores diferentes
todas com seus códigos de cadastro
escritos no projeto

Mas na hora de se referir a qualquer destas casas
ali representadas
todos sempre falam
a casa da Dona Augusta já foi demolida?
ninguém se refere àquela moradia
como um número
mesmo sendo um barraco sem reboco

Desde o início do processo
o cidadão tem nome próprio
tem direitos



3



Implantar elementos, construir equipamentos, dar oportunidades, oferecer melhoria na qualidade de vida, faz do executor um grande provedor. Um solucionador de problemas

A abrangência e o porte do processo executivo quase transformou a execução em paternalismo.

Em assistencialismo.

Em todo lugar havia um empregado do programa.

Ligando esgoto, fazendo ruas, construindo apartamentos. Mais de mil funcionários trabalhando pra favela.

Mas a exigência com a qualidade, a fiscalização, a mobilização social deixaram bem claro que o executor, a empresa construtora estava a serviço do poder público para executar intervenções urbanas conquistadas pela comunidade. Que era conquista de todos não bondade de ninguém.

Era direito conquistado e por ser assim deveria ser feito direito

Entender a necessidade da qualidade alcançar esta necessidade foi muito difícil. Conviver com a carência, estar perto, faz de muita coisa um luxo.

Um gramado com flores no meio do beco?

O contraste com o entorno carente traz, a quem executa, o desanimo em fazer bem feito.

A preocupação com a qualidade do projeto traz a quem constrói em favelas a sensação de estar construindo em vão

Pinturas especiais
aço inox
azulejo até o teto
jardins em condomínios

E ao lado um barraco
que o Seu Arnaldo cria porco...

3



Entregar uma praça
com brinquedos e equipamentos especiais
e no outro dia ver tudo destruído
desmerece o investimento?

Por que então
traz ao construtor a idéia de que não vale a pena
investir na qualidade construída?
Vale a pena construir com qualidade
em locais tão carentes?
Por que os elementos construídos
foram tão bem desenhados e projetados ?

Por puro fundamento
Intervenções funcionando como diálogo

Implantar elementos construídos com a mesma
qualidade dos construídos na cidade
é trazer pra favela a língua da cidade.

Fazer mal feito é falar em vão

O acabamento das obras é palavra bem dita

O cuidado na execução diz de maneira afável,
civilizada. A cidade deve se apresentar com civilidade
e com respeito.

Urbanizar são perguntas e dúvidas sempre
conflitos e degradações são respostas
tão importantes quanto um morador assumir
voluntariamente o cuidado de uma praça

Alguma coisa deu errado
muitas vezes erros aconteceram

Mais vezes ainda
diante destes erros
encontramos oportunidades

3

A gestão só foi possível pelo histórico de participação popular, pela clareza que a comunidade sempre teve de que as intervenções eram conquista popular, decididas em assembléias pela comunidade

A metodologia social de proximidade de respeito ao cidadão deu ao processo a co-responsabilidade alcançada pela participação de todos

Ao atender um conflito de desacordo entre intervenção e morador o trabalho social funciona de advogado do próprio morador, defendendo seus direitos mas também apresentando seus limites

Se a avenida vai passar onde se situa um barraco não é direito do cidadão permanecer ali e impedir o trajeto da avenida o benefício social da propriedade é soberano sobre o direito individual do cidadão

Mas esta compreensão deve ser clara mostrando que na cidade formal também é assim mas que este dever de se mudar traz também benefícios pro próprio cidadão através do respeito a seus direitos em ser indenizado justamente pela remoção de sua moradia



3

desgovernança

O programa Vila Viva se baseia no PGE
um plano diretor de intervenções estruturantes
um grande conjunto de projetos executivos

Um ator é o agente do ato
o projeto, um ator de papel
perfeito mas difícil de ser alcançado

A implantação de equipamentos em locais de difícil
topografia e geologia delicada
Encareceram projetos e inviabilizaram outros

a necessidade de trabalho manual e de mão de obra
local dificultou o processo executivo

Um ator duro, respostas duras.

O projeto aqui atuou em conflito
a dificuldade de adequações de projeto
diante da dinâmica executiva
fizeram do processo
um tabuleiro de equívocos e disputas
de um lado a arquitetura e seus métodos de projetar
de outro a engenharia e seus métodos de construir

Este conflito impossibilitou a implantação
de muitos equipamentos pensados
que acabaram sendo arquivados
não pela ineficácia do projeto
mas por dificuldades de adaptação
ao método construtivo em execução

Ou por dificuldades dos processos executivos de se
adaptarem a outras metodologias possíveis de
construção

A integração e transparência das equipes de
fiscalização de projetos, obras, social e ambiental
foram fundamentais para a redução deste conflito

3



Conflitos executivos geram problemas sociais.
A responsabilidade pelo diálogo entre a comunidade e a intervenção é da equipe social.
Isto tirou grande responsabilidade do construtor.
Conflitos podem desvirtuar objetivos
perder a visão global do processo pode ser perigoso numa intervenção tão abrangente.

Deixar que o assentamento desnivelado de um azulejo na parede perturbe o andamento do programa social ou deixar que as dificuldades nos processos construtivos dos parques e praças atrapalhem a requalificação ambiental, pode transformar o programa global em um programa específico.

O objetivo do programa é a integração através da implantação de intervenções estruturantes e não apenas a implantação destas intervenções.
Se o processo executivo não cooperar na integração ele está falhando.
O processo em si deve ser informativo. Melhorando a relação do morador com a cidade.

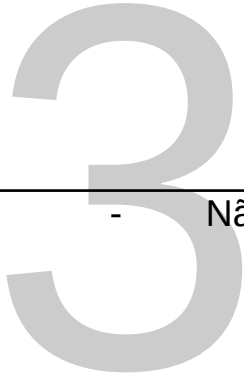
Integração entre favela e cidade deve estar sempre nos olhos de cada pessoa envolvida no processo
perder a visão do todo faz de um programa global uma ação isolada.

O trabalho social não pode se deixar satisfazer por ter a solicitação de um morador atendida pela construtora e muito menos dar ao morador a ideia que o papel da equipe social é este.

O atendimento a problemas construtivos é uma obrigação da parte construtora, por garantia civil.
não é uma conquista.
não é muito menos um serviço público ou social.

Criar caminhos de acesso à cidade é também aumentar no morador a auto-estima.
É possibilitar cidadania

Continuar assumindo as queixas é reforçar o paternalismo



- Não somos a polícia nem a justiça..

Ao atender as queixas de uma moradora
o atendente social responde:
- Não somos a polícia nem a justiça..

Resolver conflitos sociais pode dar ao morador
a idéia de que a equipe do programa é uma Prefeitura
ali dentro da favela
pronta a resolver todo tipo de problema

A clareza das respostas e das soluções apresentadas
e construídas física, social e ambientalmente
capacita a comunidade a direcionar
suas queixas ou carências para os locais certos

Encaminhar é também capacitar

Mas o maior fator de capacitação foi a proximidade
das intervenções
e as mudanças de vida causadas por elas

Implantar intervenções estruturantes não é apenas
construir
é possibilitar base para uma cidade existir como
cidade

A preocupação com a qualidade é uma preocupação
com o projeto arquitetônico, com a metodologia social
e com a requalificação ambiental
é uma preocupação com o potencial de o programa
atingir seus resultados

Um projeto é o resultado de um estudo de
determinado problema
uma possibilidade de solução daquele problema
um desenho explicando como aquele problema pode
ser resolvido

a fidelidade ao projeto garante confiança ao morador
saber que foi atendido conforme regulamentações do
poder público e não por decisão pessoal de um
engenheiro ou um técnico social

3



Permitir a reocupação das áreas embaixo do viaduto da avenida implantada ou outra ocupação de áreas publicas não é um desrespeito ao trabalho social ou ambiental é um desrespeito ao trabalho da engenharia ao trabalho executivo do programa inteiro É dizer que aquilo que o programa realiza Não tem valor

Urbanizar é dar segurança ao morador de assentamentos irregulares. Dar título de propriedade só é possível com a separação de áreas públicas e privadas A intervenção física tem o papel De estabelecer estes limites

zeis

Capítulo VI - Da regularização fundiária das Zeis-1 e Zeis-3

Seção II

Dos Planos Globais Específicos para Intervenção Estrutural

Art. 139 - Fica instituída a figura dos Planos Globais Específicos a serem elaborados para cada ZEIS-1 e ZEIS-3 sob a coordenação do Executivo, com aprovação do Conselho Municipal de Habitação - CMH e ouvido Conselho Municipal de Política Urbana - COMPUR .

Art. 140 - Os Planos Globais Específicos para cada ZEIS deverão considerar três níveis de abordagem: físico-ambiental, jurídico-legal e sócio-organizativo, elaborados concomitantemente e contendo, no mínimo

I - levantamento de dados referente à situação jurídico-legal, sócio organizativa e físico-ambiental;

II - diagnóstico integrado da situação sócio-organizativa, físico-ambiental e jurídico -legal;

III - proposta integrada de intervenção social, física e de regularização fundiária ;

IV - cronograma de implantação das atividades, com priorização de intervenções e estimativas de custo; e

V - as diretrizes para Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo.

Parágrafo único - Para efeito de ordenação territorial, o Plano Global Específico para cada ZEIS-1 e ZEIS-3 poderá subdividi-las em áreas de categorias diferenciadas , em função dos potenciais de adensamento, da necessidade de proteção ambiental e das características de expansão das mesmas, sujeitas a índices ou parâmetros urbanísticos próprios.

Art. 141 - Os Planos Globais Específicos poderão ser alterados mediante parecer favorável da URBEL, que ateste sua necessidade e/ou conveniência, considerando-se a grande dinâmica das áreas em questão, bem como a necessidade de adequá-los no decorrer do tempo à lógica de desenvolvimento e crescimento das comunidades-alvo.

Parágrafo único - O Conselho Municipal de Habitação - CMH aprovará também as modificações e revisões dos Planos Globais Específicos.

Art. 142 - Os Planos Globais Específicos das áreas ZEIS-1 e ZEIS-3 e suas eventuais alterações deverão ser aprovados por decreto.

Subseção III

Das Edificações em Geral

Art. 165 - Na execução, reforma ou ampliação de edificações, os materiais utilizados deverão satisfazer às normas compatíveis com o seu uso na construção, bem como os coeficientes de segurança para os diversos materiais, em conformidade com o que dispõem as normas técnicas da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT em relação a cada caso.

Parágrafo único - Os materiais utilizados para paredes, portas, janelas, pisos , coberturas e forros deverão atender aos padrões mínimos exigidos pelas normas técnicas oficiais quanto à resistência ao fogo, isolamento térmico e acústico.

Art. 166 - As edificações para fins residenciais só poderão estar anexas a conjuntos de escritórios, consultórios e compartimentos destinados ao comércio, desde que a natureza dos últimos não prejudique o bem-estar, a segurança e o sossego dos moradores , e quando tiverem acesso independente a logradouro público.

Art. 167 - É proibido o sentido de abertura das portas e janelas sobre as vias e seus espaços aéreos.

Art. 168 - O Executivo poderá aprovar Cadastro de Edificações no interior das ZEIS -1 e ZEIS-3, destinado a fazer prova junto ao Registro Imobiliário para fins de averbação da edificação.

§ 1º - Para efeito do disposto neste artigo, entende-se por Cadastro de Edificações um levantamento simplificado da edificação e de todas as suas dependências, em que deverá constar, no mínimo, os elementos que possibilitem proceder ao cálculo da área construída e da projeção da edificação sobre o lote, a saber: Planta(s) Baixa(s), 1 (um) corte, Planta de Situação e registro fotográfico.

§ 2º - Para efetivação do disposto acima, as edificação deverão ser objeto de avaliação técnica específica sujeita à aprovação da URBEL, devendo ser respeitados os padrões mínimos de habitabilidade, acesso e segurança.

Art. 169 - Para as edificações destinadas a reassentamentos nas ZEIS-1 e ZEIS-3 deverão ser adotados os parâmetros construtivos definidos para as edificações das ZEIS-2.

Parágrafo único - Enquanto não ocorrer a regulamentação da ZEIS-2, deverão ser adotados os parâmetros construtivos definidos em decreto específico das Normas de Uso e Ocupação do Solo para a ZEIS em questão, citado no art. 17 desta Lei.

Seção V

Da Alienação dos Lotes

Art. 170 - Fica o Executivo autorizado a alienar lotes em áreas públicas municipais , com dispensa de licitação nos termos do art. 17 da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, alterada pela Lei nº 8.883, de 8 de julho de 1994, aos moradores das ZEIS -1 e ZEIS-3, mediante as condições seguintes:

I - os lotes serão alienados em conformidade com suas respectivas áreas definidas e aprovadas no parcelamento;

II - para cada família somente será destinado um único lote de uso residencial ou misto, admitindo-se a destinação de um segundo lote, comprovadamente de sustentação da economia familiar;

III - os lotes somente serão alienados a pessoas moradoras da ZEIS, cadastradas pela pesquisa sócio-econômica realizada nas ZEIS em questão;

IV - nas áreas classificadas como ZEIS-1 e ZEIS-3, o documento de propriedade será conferido através de escritura de compra e venda, nos critérios estabelecidos pela URBEL e de acordo com legislação vigente.

Parágrafo único - A renda arrecadada com alienação dos imóveis constantes das áreas classificadas como ZEIS-3 serão aplicados nos próprios conjuntos em serviços sociais e obras de melhorias urbanas, definidas pela própria comunidade e aprovados pelo Conselho Municipal de Habitação - CMH.

Art. 171 - Fica o Executivo autorizado a desafetar os bens públicos existentes no interior das ZEIS-1 e das ZEIS-3, para fins de regularização fundiária da ZEIS e implantação do Plano Global Específico respectivo.

Seção VI

Do Grupo de Referência das ZEIS-1 e ZEIS-3

Art. 172 - No início dos processo de elaboração dos Planos Globais Específicos das ZEIS-1 e das ZEIS-3, deverá ser criado o Grupo de Referência da respectiva área .

Art. 173 - Os Grupos de Referência poderão ser compostos por representantes da Associação de Moradores local, grupos comunitários formais e informais da área específica e por grupos organizados das áreas de influência da respectiva ZEIS.

Parágrafo único - Das reuniões do Grupo de Referência participará, sempre que necessário , um representante da equipe técnica da URBEL. **Art. 174** - O Grupo de Referência tem as seguintes atribuições:

I - acompanhar a elaboração e a execução do Plano Global Específico da ZEIS em questão, em todas as etapas;

II - acompanhar as ações públicas ou privadas na área, informando ao órgão competente , sempre que necessário, a realização de obras ou a instalação de atividades em desacordo com o Plano Global Específico da respectiva ZEIS;

III - acompanhar a aplicação dos recursos orçamentários e financeiros alocados ;

IV - participar da análise dos pedidos de exclusão de áreas de ZEIS-1 e ZEIS-3 referidas no art. 124, desta Lei;

V - atuar como interlocutor entre comunidade e poder público, assim como agente multiplicador das informações no processo.

Art. 175 - Os membros do Grupos de Referência das ZEIS não farão jus a remuneração e suas funções serão consideradas serviço público relevante.

Seção VII

Das Penalidades

Art. 176 - O processo administrativo relativo a infração pelo descumprimento do disposto neste Capítulo deve ser feito observando o seguinte:

§ 1º - A infração ao disposto neste Capítulo implica na aplicação das seguintes penalidades:

I - multa;

II - embargo;

III - interdição da edificação, dependência(s), objeto(s), equipamento(s) e mercadoria (s);

IV - demolição;

V - apreensão.

§ 2º - O infrator de qualquer preceito deste Capítulo deve ser previamente notificado , pessoalmente, mediante via postal com aviso de recebimento, ou edital publicado no Diário Oficial do Município, para regularizar a situação, no prazo máximo de 30 (trinta) dias. Após este prazo, caso a situação não tenha sido regularizada, deverá ser aplicada a penalidade prevista.

Art. 177 - Em caso de reincidência, o valor da multa será progressivamente aumentado , acrescentando-se ao último valor aplicado o valor básico respectivo.

§ 1º - Para os fins desta Lei, considera-se reincidência:

I - o cometimento, pela mesma pessoa física ou jurídica, de nova infração da mesma natureza, em relação à mesma edificação, estabelecimento ou atividade, no mesmo endereço ; e

II - a persistência no descumprimento da Lei, apesar de já punido pela mesma infração , no mesmo endereço.

§ 2º - O pagamento da multa não implica regularização da situação nem obsta nova autuação em 30 (trinta) dias, caso permaneça a irregularidade.

§ 3º - (VETADO)

Art. 178 - A aplicação das penalidades previstas neste Capítulo não obsta a iniciativa do Executivo em promover a ação judicial necessária à demolição da obra irregular , nos termos dos arts. 934, inciso III, e 936, inciso I, do Código de Processo Civil Brasileiro.

Art. 179 - Pelo descumprimento dos arts. 154, 155, 156, 157, 158, 161, 162, 163 , 164, 166, 167 desta Lei, o infrator deverá ser punido com multa no valor equivalente a 50 (cinquenta) UFIRs.

Art. 180 - As penalidades começarão a ser aplicadas 6 (seis) meses após a publicação desta Lei e após ampla campanha de divulgação e conscientização da população das ZEIS-1 e ZEIS referente ao seu conteúdo.

3

GOVERNANÇA: é o conjunto de processos, costumes, políticas, leis, regulamentos e instituições que regulam a maneira como uma empresa é dirigida, administrada ou controlada. O termo inclui também o estudo sobre as relações entre os diversos atores envolvidos e os objetivos pelos quais a empresa se orienta.

wikipedia

Não adianta realizar uma avenida ou uma grande praça, é preciso que tudo realizado seja apropriado pela comunidade. É preciso que o trabalho executivo seja também responsável pela capacitação da comunidade. Pelo início da integração.

Infraestrutura
é a base da cidade
Depois de construída
A cidade se sustenta

O resultado final não pode ser nunca
A intervenção em si.

Estar presente em todos os passos da obra se torna então necessidade absoluta para toda a equipe de fiscalização.
Acompanhando os processos executivos e transformando cada limite em uma oportunidade para capacitação da comunidade.



Se o Brasil mantiver o mesmo ritmo de diminuição da pobreza e da desigualdade de renda observado nos último cinco anos, o País poderá alcançar o ano de 2016 com indicadores sociais próximos aos dos países desenvolvidos, segundo estudo divulgado nesta terça-feira pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

De acordo com a pesquisa, o Brasil pode praticamente superar o problema de pobreza extrema (até 25% de salário mínimo per capita), assim como alcançar uma taxa nacional de pobreza absoluta (até meio salário mínimo per capita) de 4%, o que significa quase sua erradicação.

Segundo o Ipea, a combinação entre a continuidade da estabilidade monetária, a maior expansão econômica e o reforço das políticas públicas - como a elevação real do salário mínimo, a ampliação do crédito popular, a reformulação e o alargamento dos programas de transferências de renda para os estratos de menor rendimento, entre outras ações - se mostrou decisiva para a generalizada melhoria do quadro social no Brasil.

4

visibilidade



No Aglomerado da Serra os córregos já não eram mais córregos. Nas escolas as crianças diziam que córrego era onde corria o esgoto. As árvores que restaram são poucas frutíferas. Os bichos, bichos urbanos. Sustentabilidade lembra sempre meio ambiente, ecologia, que por sua vez lembram aquecimento global e efeito estufa, preservação e conservação dos recursos naturais. Na favela não existe quase nada a preservar o meio ambiente tem que ser construído. Sustentabilidade implantada como se fosse uma intervenção física. Córregos e árvores construídos junto com ruas, becos ou avenidas.

Mas qual a importância da natureza num local carente de infra-estrutura?
Qual o papel que ela tem num processo de urbanização?



4

Recuperar uma área degradada em área urbana depende quase que exclusivamente do respeito conquistado por este espaço na população que convive diretamente com o local. Para que isto aconteça o projeto de requalificação deve ser claro e objetivo.



Localizado na Serra do Curral em Belo Horizonte, patrimônio ambiental protegido, o Aglomerado da Serra é um espaço de importância ambiental e ecológica para a cidade, fazendo fronteira com duas grandes áreas de preservação, (Parque das Mangabeiras e Parque Florestal da Baleia), tendo em seu interior duas importantes sub-bacias dos Córregos Cardoso e Serra.

A pressão social de ocupação e a degradação por lançamento irregular de lixo e esgoto vêm comprometendo esta região e seu papel Ambiental. A necessidade de se estabelecer um plano de ocupação das áreas destinadas à implantação dos parques do aglomerado tem por objetivo maior fazer dos parques um instrumento de integração entre vila e cidade através da requalificação ambiental destes espaços e de proteção destas áreas contra futuras degradações e ocupações irregulares.

O saneamento do esgoto da vila e a universalização da coleta de lixo não serão suficientes para a recuperação imediata destas áreas, tornando necessária uma ampliação nos conceitos de preservação e recuperação ambiental.

O jardim humaniza a natureza
o jardim apresenta a intervenção

4



No processo natural de recuperação o desenvolvimento, a expansão da vegetação vizinha ou remanescente cria uma relação, um diálogo com a área degradada, funcionando como um banco de sementes, que vão germinando e ocupando as áreas degradadas.

No Aglomerado, o projeto de recuperação buscou encontrar estas relações com as florestas vizinhas selecionando espécies, coletando mudas e sementes. Mas a maior relação entre vizinhos precisava acontecer entre estas áreas degradadas e os próprios moradores da vila.

Como construir uma relação ecológica entre os moradores de áreas urbanas com as áreas de proteção ambiental?
Como recuperar áreas remanescentes, criar espaços de lazer, recuperar matas ciliares e etc.?

O caminho escolhido foi o do potencial comunicativo do projeto paisagístico. O caminho foi encontrar uma linguagem comum entre o morador e o paisagismo. E a linguagem desenvolvida foi o jardim. Transformar cada jardim já existente, nas casas dos moradores, em bancos de sementes e mudas para os projetos paisagísticos. Usar os jardins locais como referência visual de reconhecimento. Desenhar um projeto de recuperação ambiental numa linguagem construída pelos próprios moradores.

Iniciar um diálogo entre o espaço e o morador, mas com palavras do próprio morador. Reconhecer estes espaços é a iniciação ao processo de aceitação deste espaço.

O ignorar, o não entendimento, é o pior inimigo da apropriação saudável de espaços. O não reconhecer no espaço seus elementos e a importância deles faz destes elementos, elementos sem nome. Faz do espaço um espaço ausente.

4

Todo o trabalho de requalificação tem como base o PCA, Plano de Controle Ambiental. Que tem por objetivo potencializar os efeitos positivos da intervenção. Potencializar ultrapassa o limite da preservação e conservação. Um Plano de Controle Ambiental não deve se resumir a conter os impactos prejudiciais da intervenção física, deve sim estar no controle destas intervenções, dirigindo e apresentando propostas de sustentabilidade, mas principalmente propostas que ampliem os resultados positivos da intervenção. Não basta evitar que a execução das obras degradem o meio ambiente, é preciso que, aliado às intervenções físicas, as intervenções ambientais sejam também construtivas e não só de conservação e preservação. Assim o trabalho ganha um peso e uma responsabilidade maior, se transformando num instrumento de comunicação, mobilização e capacitação da comunidade.



Para se visualizar e conhecer a natureza é preciso subtrair elementos. Valorizando, realçando elementos selecionados. Nascendo assim o sentimento de coleção. O Paisagismo se utiliza desta visão de subtração e na seleção de elementos colecionáveis. Apresenta, introduz, possibilita ao olhar reconhecer a natureza. Reproduzindo suas relações, direcionando a compreensão dos processos e relacionamentos entre múltiplos elementos naturais.

Na concepção de um jardim, independente do seu tamanho, tenta-se com poucos elementos, traduzir a linguagem da natureza para uma linguagem humana.

Onde se lia mistura, confusão, profusão, desorganização, com o jardim se reconhece a organização e harmonia. Tão mais facilite esta tradução, mais eficiente é o projeto paisagístico. Quanto mais o projeto seja capaz de explicitar a linguagem natural, levando, a quem olha uma paisagem natural, a possibilidade do reconhecimento desta harmonia, numa antes paisagem desorganizada e confusa, mais o projeto é eficiente no seu papel educativo e cultural.



4

Encontrar os elementos, mas acima de tudo, reproduzir organizações naturais, fará do paisagismo um instrumento de capacitação. Uma aula de língua estrangeira. Uma ferramenta de leitura de espaços antes incompreendidos.



4



“Conceber o mundo como um jardim parece uma meta ambiciosa, porém promissora. A idéia é do francês Gilles Clément, paisagista, agrônomo, viajante e escritor. “Jardim Planetário”, nas palavras de Gilles Clément “é o planeta considerado como um jardim”. Segundo Clément, é uma metáfora da idéia do incompleto, num sentido vasto: se o jardim não é o lugar da surpresa, não passa de um cenário de papel. “A beleza não tem nada a ver com a estética, nasce da combinação de um conjunto de fatores que, organizados entre si em um dado momento, dão o senso de harmonia: pode incluir até elementos esteticamente contestáveis.” O conceito de “jardim em movimento”, uma das idéias mais interessantes deste “Jardineiro” (ele assim se define), deveria mudar a forma de nos relacionarmos com o mundo natural, desde logo na forma como se projetam e mantêm os jardins. Propõe uma atitude menos impositiva da mão humana relativamente à Natureza, aproveitando-se mais e contrariando-se menos as tendências de evolução, nomeadamente da vegetação. No fundo, a idéia simples (aparentemente) de trabalhar mais com e menos contra as forças naturais. Tudo isso participa de um movimento de energias. Daí saiu a idéia do jardim em movimento, no qual o paisagista trabalha prestando uma pequena ajuda à natureza. O seu jardim é o resultado do comportamento destas espécies, com seus florescimentos, frutificações, brotações ou mortes sucessivas. No fundo ele quer enfatizar os processos naturais sem encerrá-los em uma forma pré-determinada. “Ao criar uma forma provida de uma incerteza, tem-se a possibilidade de transcrever um sonho”. Criam-se imagens do que virá a acontecer dentro de um tempo determinado. Mas é possível que nunca chegue a ser da maneira pensada, porque na paisagem todas as certezas são descartadas”.

Texto jornalístico sobre Gille Clements

Requalificar, dar uma nova utilidade para estes espaços.

4

As áreas degradadas, erosões e taludes necessitam de revestimento vegetal para garantir o sucesso do trabalho e melhoria do aspecto visual e da estabilidade física do terreno.

O processo de recuperação natural é um processo longo denominado sucessão ecológica. Processo que pode demorar de 30 a 60 anos se houver florestas próximas como bancos de sementes, ou pode demorar muito mais.

Infelizmente a população ainda relaciona vegetação jovem com mato, no sentido pejorativo de área abandonada, lote vago, terreno baldio.

As áreas tratadas com a metodologia de hidrossemeadura e biomanta vegetal foram alvo de depredação e degradação, com o lançamento de lixo e entulho. Não cumprindo o seu principal papel.
Requalificar, dar uma nova utilidade para estes espaços.

Tudo isto porque após a germinação e aparecimento das primeiras gramíneas resulta num aspecto de local abandonado, sem dono. Sendo, por isto, desrespeitados pela população, por serem semelhantes a outros locais que não foram tratados e que são vistos como áreas abandonadas e degradadas.



4

Assim é preciso que, no Aglomerado, todas as áreas sejam vistas como jardins, como praças públicas, áreas comuns e com função explícita de acabamento, embelezamento, integradas às obras físicas.

Em áreas de ocupação irregular, qualquer espaço livre é visto como espaço de possível ocupação. Como uma terra de ninguém. É preciso tornar todas estas áreas, áreas públicas, em parques, canteiros, praças, em áreas respeitadas e principalmente em áreas explicitamente públicas.



No processo da intervenção e principalmente na adequação de trajetos de vias ou implantações de equipamentos ou mesmo na remoção de moradias em risco muitos locais acabam se transformando em áreas remanescentes

Espaços sem uso previsto ou definido pelo programa estes locais acabam se transformando em um grande problema tornando-se espaços para possíveis novas ocupações ou degradações.

Algumas destas áreas foram transformadas em pequenas praças de lazer, como foi no caso do Parque do Cardoso, mas a grande maioria, devido ao seu tamanho reduzido ou a fragilidade geológica, acabam sendo abandonadas. O que fazer para que estes espaços sejam vistos como áreas públicas?

Transformando em pracinhas.

4



A requalificação destas áreas remanescentes em pequenos jardins auxilia também o controle ambiental do processo executivo, evitando que estas áreas sejam usadas de depósito de lixo e entulho da própria intervenção, podendo transformar estes locais em espaços perturbadores dos objetivos do programa. Implantando jardins onde antes havia uma moradia o trabalho também coopera auxiliando na estabilidade geológica do terreno funcionando de proteção física do solo. Diminuindo o carreamento de resíduos conduzidos para o sistema de drenagem.

Estes espaços verdes são vistos como pequenas praças pela comunidade.

Humanizar a natureza em áreas urbanas é dar a ela o caráter de sujeito participativo das cidades.

Mais importante que a recuperação vegetal das áreas remanescentes é recuperar no imaginário das pessoas a imagem de locais saudáveis e agradáveis. Trabalhar a paisagem urbana como instrumento deste resgate.

As praças públicas são lugares importantes à cidade, à cidadania. De maneira bastante ampla, consideramos a praça um espaço voltado essencialmente ao encontro no âmbito da esfera de vida pública.

A praça como espaço - não apenas forma ou paisagem, cenário ou palco - para as ações da vida pública.

Enquanto espaço, a praça é um conjunto indissociável entre um sistema de objetos e um sistema de ações. Afirmando-se a praça como espaço, importa qualificá-la a partir da natureza dos eventos nela verificados, tanto ou mais que pelo sistema de objetos.

Quem define a praça é o que nela se realiza.

A praça contemporânea, quando marcada por um design fundamentado na visualidade da paisagem, nem sempre é capaz de estabelecer-se como lugar, de convívio na esfera de vida pública, da ação comunicativa.

A questão central para o projeto da praça se remete menos à visualidade da paisagem e mais à visibilidade dos lugares.

Eugenio Fernandes Queiroga

4

A natureza quando cresce e se desenvolve, cresce em manchas, em explosões, em maciços exagerados. Uma árvore escancara sua floração e conseqüente frutificação, espalhando suas sementes, formando ilhas de novas árvores no seu entorno. Mudas aparecem, algumas crescem, a maioria morre.

Numa outra temporada outra mancha de outra espécie se forma e assim uma atrás da outra. Nascendo, crescendo, morrendo, disputando espaço, competindo, convivendo. O resultado final é um conjunto de espécies mais ou menos numa mistura heterogênea.

Ao se investir na recuperação ou no enriquecimento de uma área, usualmente se planeja o plantio baseado no aspecto final de uma mata já formada. Onde existe uma distribuição relativamente equilibrada de espécies. Plantando-se uma mistura heterogênea de espécies.



A metodologia, utilizada na recuperação ambiental do Aglomerado da Serra, chamada aqui de Ilhas ou Maciços, se baseia no desenvolvimento natural. Na expansão de matas. Na explosão de sementes. Na formação de maciços.

Grupos de mudas de poucas espécies, às vezes de apenas uma espécie, plantadas com espaçamento menor e irregular. Mudas menores. Muitas irão morrer, naturalmente. Mas o impacto resultante do desenvolvimento destas ilhas de espécies é muito positivo. Dando ao local o aspecto de jardim. Diminuindo o tempo de reconhecimento pela população destes locais como locais tratados e cuidados. Diminuindo também a manutenção já que o trabalho tem como fundamento o desenvolvimento natural de sucessão.

4



Jardinando uma praça, reflorestando uma encosta, recuperando uma nascente, tratando o espaço com muito mais cuidado, a equipe ambiental do programa se torna referência para a comunidade.

Atuando assim como ferramenta de comunicação e mobilização social.

Diferenciando, realçando as intervenções físicas através de ações paisagísticas, a comunidade passa a ser capacitada a se relacionar melhor com estas obras e espaços construídos.

Produzir jardins no Aglomerado.

Dar início ao processo de capacitação através da implantação de jardins.

Buscar na própria comunidade e em suas moradias as fontes de sementes tão necessárias para o processo de sucessão.

Ao fazer uso das plantas doadas pela comunidade em projetos paisagísticos, o resultado verificado é de maior reconhecimento do local como espaço cuidado e construído.

Encontrar num espaço, antes abandonado, plantas encontradas em jardins de moradias, dá ao espaço aspecto de local conhecido. E o sentido maior dos jardins, dos paisagismos realizados no Aglomerado da Serra é deixar claro que um local confuso e degradado, com um pouco de cuidado, pode se transformar em um local saudável e bonito, mas que acima de tudo pode ser um local onde se reconheça a história e a cultura das pessoas que vivem ali.



4

Segundo Macedo (1986), embora os espaços livres sejam freqüentemente tratados como “sobras” no processo de planejamento, sejam associados apenas ao lazer e entendidos como praças, parques e jardins, constituem elementos básicos na configuração e estruturação do desenho da paisagem urbana. As áreas verdes conforme Troppmair & Galina (2003) não precisam ser necessariamente extensas, ao contrário, podem ser pequenas em área, mas numerosas. São cidades verdes as que possuem cobertura vegetal, especialmente arbórea em todo o espaço urbano: parques, jardins, quintais, ruas e avenidas e ao longo de rios e lagos.



4

Das casas de moradores com jardins em suas residências nasceu o Viveiro de Mudas do Programa Vila Viva.

Plantas foram doadas pela comunidade e replicadas para a formação de mudas e consequente plantio em jardins e praças.

Todo o trabalho de implantação do viveiro é também educativo auxiliando na formação e capacitação da Equipe Ambiental e também de viveiro escola para apoio da Escola de Jardinagem. Outro projeto de Qualificação Profissional iniciado pelo Vila Viva.

Paralelo a estes objetivos, o viveiro tem funcionado também de requalificador de um espaço. Sendo visitado por moradores locais e visitantes do Programa.

Localizado em local sem nenhum cercamento o viveiro tem sido respeitado pela comunidade.



4



A Equipe Ambiental realiza um trabalho de mobilização com os moradores associado ao trabalho de requalificação destes espaços. Este trabalho traz ao morador a clareza de que estes espaços antes abandonados, sujos e degradados, com um mínimo de trabalho e cuidado, podem se transformar em ambientes saudáveis e bonitos.



O Processo de implantação de infra-estrutura implica na remoção de moradias para a execução das intervenções físicas e a erradicação de áreas de risco.

Este processo traz ao morador removido um sentimento de corte na sua história de vida. Respeitar esta história dando ao morador a oportunidade de levar com ele parte dela, tem sido de grande valor pra comunidade.

A Equipe Ambiental desenvolveu assim um trabalho de resgate dos jardins e plantas cultivadas por estes moradores.

Estas plantas são removidas antes da demolição e levadas para o viveiro para produção de mudas, ou quando possível são plantadas nos condomínios de destino deste mesmo morador.

Este trabalho produziu resultados maiores que os esperados, aumentando a relação dos moradores com os jardins implantados e principalmente, facilitando o reconhecimento dos locais requalificados pelo programa, um espaço cuidado, um local de convívio. Um local público.

4

O Processo de implantação e desenvolvimento de um projeto paisagístico é custoso e muito lento.

Ao contrário, a manutenção é leve e de fácil visibilidade de seus resultados. Ao se abandonar uma área de jardim, todo o trabalho de formação deste jardim pode se perder em pouquíssimo tempo. As espécies escolhidas e plantadas começam a encontrar dificuldades em crescer e florescer, devido à competição com as chamadas “plantas daninhas” ou pela degradação humana.

Um projeto paisagístico tem como princípio, a seleção de espécies. A formação de uma coleção de plantas.

Um jardineiro é antes de tudo um colecionador. E o que é então uma coleção?

Um conjunto de objetos ou elementos da mesma natureza. Que tenham alguma coisa em comum. Que se relacionem e expressem um sentido comum. Escolhidos por alguma razão. História, beleza, idade etc. .Que o colecionador seleciona, mas antes de tudo organiza para formar sua coleção.

Assim também, o jardineiro.
Escolhe, entre as milhares existentes,
Um grupo de plantas e faz sua coleção.

Uma coleção está sempre em crescimento.
Um jardim também.

Mas uma coleção descuidada, onde não se vê claramente algum sentido, perde seu objetivo. Um jardim mal cuidado se torna uma coleção sem objetivo. Sem característica, sem qualidades. Perde seu potencial de beleza e principalmente de melhoria da qualidade do local onde ele se encontra.

A manutenção de um jardim tem o mesmo papel do cuidado que um colecionador tem com sua coleção. Manter a organização, manter a clareza do seu objetivo.



4

Uma coleção organizada expressa história e cultura. Um jardim também. Ao ser visto ele deixa claro suas qualidades. Deixa claro suas relações entre os elementos selecionados e os elementos do entorno. Mas uma coleção também é feita de surpresas, de elementos que surgem de forma inesperada.

Assim no jardim surgem plantas inesperadas, invasoras, daninhas, mas que podem ser também colecionáveis.

No Aglomerado, os projetos de recuperação de áreas degradadas segue a metodologia de jardim dinâmico. Onde as plantas que aparecem espontaneamente nos jardins são, em sua maior parte aproveitadas neste mesmo projeto. Auxiliado pela manutenção, que realça estas plantas, transformando-as em elementos ornamentais, os jardins do aglomerado estão sempre em contínuo movimento.



4



A história de ocupação do Aglomerado sempre esteve ligada à presença de minas e nascentes, já que a água tratada só começa a chegar no morro por volta da década de 80.

Infelizmente com a chegada da água tratada a comunidade perde a dependência que tinha das águas naturais para fornecimento de água, resultando numa degradação destas áreas por lançamento de lixo e da qualidade das águas pelo lançamento de esgoto.

Resgatar estas minas e nascentes que afloram por todo o aglomerado tem o papel de chamar a atenção para esta história da ocupação.

Relatar por meio de um tratamento especial dado a um local, por meio de paisagismo, uma relação tão importante que é a homem x água. E o paisagismo aponta e realça o lado natural desta relação.



Respeitar um espaço resulta em benefício direto pra todos.

4



Resgatar a história do uso das águas naturais tem o papel de recuperar no imaginário dos moradores a importância que a água tem. Intervir com a produção de equipamentos que tornem possível a recuperação da história que a comunidade tinha com as águas do morro.

As intervenções do Vila Viva vão trazer mudanças nas águas do Aglomerado. Saneando os córregos e impermeabilizando os becos e vias.

Os córregos hoje recebem um volume de água razoável, proveniente dos lançamentos irregulares de esgotos.

Com os interceptores as águas ficarão limpas mas o volume bem menor. Também com uma maior impermeabilização do solo, o sistema de drenagem vai aumentar o volume de água lançado nos cursos d'água no período chuvoso.

Esta instabilidade de volume e velocidade dificulta o planejamento do uso destas áreas. Pensar no uso destas áreas antes de tudo é pensar no uso destes córregos. Uma maneira positiva de cuidar e preservar.

Na verdade de construir.

Construir dando uma função e uso.

Criar um novo curso d'água.

Um curso d'água mais próximo da população.

Criar, construir um córrego novo.

Criar, construir uma nova realidade na tentativa de recuperar a naturalidade, a história natural do local.

Estabelecer esta construção facilita o reconhecimento da vocação destas áreas para preservação e conservação.

Mas acima de tudo áreas públicas.

4

A presença de vegetação nas cidades, principalmente árvores e flores, têm um papel importante na qualidade de vida dos cidadãos, arborizar vilas e favelas traz também à comunidade o sentimento de pertencer à Cidade.

Fazendo assim o papel de identificação da favela urbanizada como cidade e não mais um local excluído.



4



A impossibilidade de se ampliar todos os becos e transformá-los em ruas não pode diminuir o caráter de via urbana destes becos.

Trazer este esclarecimento de forma objetiva foi o desafio da equipe.

Como demonstrar para o morador os benefícios vindos com a urbanização?

Aqui mais uma vez a escolha foi pelo acabamento, pela beleza, pelo jardim.

Inicialmente realizamos a arborização de grande parte dos becos urbanizados com espécies comuns na arborização das vias da cidade formal.

A opção também por espécies exóticas nas vias do Aglomerado, ao invés de se trabalhar apenas com espécies nativas, tem o objetivo de facilitar a compreensão da comunidade no reconhecimento do espaço urbano, no reconhecimento do aglomerado como cidade, como vila integrada à cidade formal. Já que as espécies escolhidas são comumente utilizadas na arborização das vias de Belo Horizonte.

4

As intervenções do Programa Vila Viva se baseiam no Plano Global Específico PGE. Este instrumento se propõe a ser um instrumento que contribua na conquista e consolidação da cidadania.

A formação da Equipe Ambiental vem de encontro a esta necessidade.

Não apenas executar uma intervenção, mas que esta intervenção possa ser, antes de tudo, um instrumento de aprendizado e cidadania.

Diante de resultados positivos, a formação de Auxiliares em Jardinagem se transformou na Escola de Jardinagem. Atendendo moradores locais e da própria cidade formal.

Possibilitando uma nova oportunidade de trabalho e renda.

A Equipe Ambiental tem a metodologia participativa na sua essência. Toda a programação e avaliação dos trabalhos são feitas com todos os participantes, trazendo o sentimento de responsabilidade e de orgulho pelo trabalho realizado.

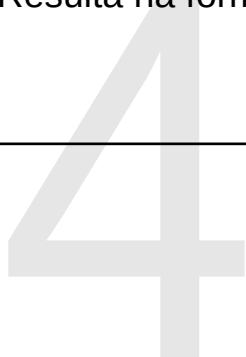
Outro aspecto importante é a sua integração com outras áreas do Programa.

Na área física o trabalho em conjunto proporciona melhor rendimento e qualidade no resultado final.

Na área social o trabalho amplia o universo da Educação Ambiental, proporcionando atividades educativas e lazer, mas acima de tudo apresentando resultados visíveis de um ambiente mais saudável.

Estas parcerias têm resultado em trabalhos científicos apresentados em seminários em todo o país e alvo de reportagens em revistas, jornais e televisão.

Construir um espaço
Resulta na formação e capacitação de todos.



A intervenção física inicia o diálogo
entre a cidade e a favela
mas numa língua estrangeira e desconhecida

A intervenção ambiental e paisagística
traduz este diálogo
para uma linguagem comum

Equipe Ambiental

Formada em fins de 2007 para a execução de paisagismo nas áreas livres dos condomínios e Complexo Esportivo do Aglomerado da Serra, a Equipe Ambiental inicia suas atividades com a contratação de jardineiros locais com o objetivo de economia e de maior controle sobre o processo executivo.

A carência de mão de obra apontou pra necessidade de capacitação dos membros da equipe.

Cursos de formação e capacitação foram oferecidos a toda a Equipe e todo este trabalho de capacitação funcionou como piloto da construção da Escola de Jardinagem.

Material didático foi constituído a partir de parcerias com a FZB e Parque das Mangabeiras. Em Março de 2008 a Equipe se estrutura de maneira definitiva.

Otimização dos recursos públicos, o PCA e todo o PGE se baseiam neste objetivo.

A formação da Equipe Ambiental foi constituída também com este objetivo.

A substituição de metodologias de recomposição vegetal e a criação de estruturas produtivas, foram de significante economia pro programa.

Apenas como exemplo, o Parque do Pocinho, ao invés de se usar biomanta vegetal e hidrossemeadura foi realizado semeadura e plantio manual.

Foram dois hectares revegetados pela Equipe com um custo inferior a dez por cento do que seria gasto com a biomanta e com resultado melhor.

O viveiro de mudas implantado fornece todo o necessário para os paisagismos realizados.

Esta economia já justificaria a formação da equipe, mas o mais importante foi a formação da Escola de Jardinagem e caminho de possibilidades aberto por esta capacitação.

Jardim vem do termo **garten**
Aquilo que contem um espaço.

4

Uma planta garante a existência de um lugar
Um jardim é o endereço formal de uma planta.

Um jardim entra despercebido pela favela
primeiro passo
preparar a terra
limpar
retirar do local
todo entulho abandonado
e lixo depositado
adubar revolver
planejar o jardim com a vizinhança
umas plantinhas pequenas
novinhas fraquinhas
São muitas
necessitando de cuidado
um jardim vai crescendo
algumas plantas vão morrendo
mas as que vivem
vão definindo um lugar



4

Um córrego naturalizado
um parque ecológico
uma quadra
uma avenida

08/07/2010
Pedro Eduardo Domingos
Rua Manoel de Oliveira 1155
pedido de Estímulo
Mandar cuidar destas áreas
vagas que está dando muitos
insetos, barata, ratos, cobras
Este jardim do Beco Oliveira
também precisa ser
cuidado está um matagal
Colocar uma placa para não
jogar lixo.
pedir a cada morador que
coloque sua lixeirinha em
frente suas casas
Juntas damos mais...

Transformar alguma coisa
em algo útil
é próprio do homem
é cultura

O paisagismo no Aglomerado
fez da execução
esta transformação
fez do ato de plantar
um ato cultural

4

Integrar Vilas e Cidade.

Encontrar diálogos, convívios, elementos comuns entre espaços tão próximos mas tão distantes.

A Equipe Ambiental conversa com a cidade através dos profissionais formados em jardinagem. Realizando jardins e manutenções. “Invade” também a cidade resgatando e reciclando os jardins de casas em demolição ou manutenção. Apresentando-se e participando da cidade.

Mas e como a cidade poderia se comunicar com esta Equipe?

Como encontrar um meio de comunicação entre a demanda da cidade em relação aos profissionais de jardinagem?

Como possibilitar o crescimento de parceiros também na cidade formal?

Contando a experiência da Equipe Ambiental neste trabalho de urbanização e integração.

Apresentando as áreas recuperadas pelo Programa Vila Viva. Revelando novos espaços públicos de convívio e exercício de cidadania.

Registrando cada diálogo feito com a cidade.

Descobrimos caminhos para este diálogo.

Inventando um espaço para este convívio.
uma pracinha virtual.

www.jardimcidadao.blogspot.com

E um jardim é quase tudo que o mundo precisa

Garantindo na cidade e na favela

O direito de uma planta existir.

Garantindo a uma planta

Um endereço.

Um córrego limpo não é apenas melhoria de qualidade de vida ou melhoria ambiental, é um termômetro da sustentabilidade da própria urbanização. Construir uma cidade não pode se resumir em repetir os mesmos elementos construtivos da cidade formal em um local carente destes recursos. Urbanizar deve ser construir cidades, mas cidades sustentáveis.

Encontrar mecanismos de avaliação e análise de resultados agrega responsabilidade ao programa. Encontrar indicadores naturais de fácil leitura dá ao programa uma abertura para a co-responsabilidade na garantia destes resultados.

Como transformar a própria comunidade em agentes fiscalizadores?
Proporcionando maior proximidade da população com os recursos naturais.
Convivendo e conhecendo a comunidade se torna fiscal da qualidade destes recursos.

Ao denunciar a poluição de um córrego o morador indica um problema do saneamento.
Ao denunciar uma erosão num jardim, ele indica um problema de drenagem.
Assim a relação direta com os recursos naturais faz da comunidade um agente fiscal, um mecanismo de comunicação da cidade com a favela. Melhorando os resultados e diminuindo as manutenções das infra-estruturas implantadas.

5

impacto

A favela está aí de olhos acesos, barulhando, produzindo riquezas, criando recursos para driblar as consequências dos desmandos de um país injusto, sofrendo as mais diversas violências, sobretudo a gerada pela ausência dos direitos humanos.

Jailson de Souza e Silva e Jorge Luiz Barbosa



Custa caro ser pobre.

A requalificação ambiental de um espaço urbano traz benefícios diretos na renda de uma comunidade. A implantação de saneamento básico não traz apenas benefícios à saúde.

A diminuição das doenças transmitidas pela água suja dos esgotos a céu aberto resulta em mais dias livres pro trabalho ou lazer, resulta em aumento de renda e qualidade de vida. A falta de endereço regularizado impede o morador de vilas e favelas de ter acesso a mais oportunidades de trabalho e crédito.

A falta de infraestrutura faz das pessoas moradoras de favelas, cidadãos mais pobres.

A falta de infraestrutura afasta a população de favelas do convívio com as cidades. Impedindo ou dificultando as relações.

Nos últimos cinco anos quase trinta milhões de brasileiros ascenderam na pirâmide social. A maioria moradores de vilas e favelas.

Percentual da nova classe média que possuem os seguintes utensílios

- .73% geladeira***
- .82% aparelho de DVD***
- .99% tv cores***
- .25% computador***
- .10% banda larga***
- .22% automóvel***

Percentual das vendas consumido pela nova classe média

- .42% da maionese***
- .40% da cerveja***
- .41% do leite longa vida***
- .40% do leite petit suisse***
- .39% do amaciante***

Revista Época Negócios, novembro 2009



Beco dos Unidos, Beco Pedra Verde, Beco Talita, Beco Sebastião, Beco Tatão, Beco Dona Helena, Beco Paciência, Beco Sales, Beco Raimunda Venâncio, Beco Benício, Beco Violão, Beco Acidental, Beco São Miguel, Beco São José, Beco da Paz, Beco Santana, Beco Sem Nome, Beco Sem Nome 22, Beco Sem Nome (Interceptor 3ª Água), Beco Adriano, Beco São Pedro, Beco São Geraldo, Beco Gonzaga, Beco Chácara, Beco JB, Beco Rua Nova, Beco Pereira, Beco Príncipe da Paz, Beco da Amizade, Beco Geogina, Beco Lapiê, Beco João Paulo, Beco 9 de Julho, Beco João Gomes, Beco Juscelino, Beco Piano, Beco União, Beco Beija Flor...

Os resultados das intervenções, todo o trabalho do Vila Viva foi construir caminhos físicos e sociais mais sustentáveis entre a favela e a cidade



Avenida do Cardoso com 1,7 km de extensão e 16 m de caixa. Funciona como via arterial, integrada ao sistema viário da cidade formal diminuindo a barreira física que existia para acesso ao Aglomerado da Serra

Rua São João, com 8m de caixa com 500 m de extensão. Permitiu a interligação da Vila Fátima com a Av. do Cardoso e implantado um conjunto com 296 apartamentos.

Rua Ravel, com 3 m de pista, situada na margem direita do Córrego do Cardoso. Por esta via passa um dos interceptores que conduz o esgoto até a Estação de Tratamento do Arrudas.

Rua Binário, Rua da Água, Rua Regional, Rua Bandoneon, Rua da Amizade ...

Becos, foram mais de trinta quilômetros de urbanização. Melhorias na acessibilidade, esgotamento sanitário, drenagem, iluminação, pavimentação, contenção.

A implantação de um novo sistema viário e a reformulação das vias para pedestres resultou numa ampliação do sistema de iluminação pública. Foram mais de duzentos novos postes instalados.

Conjuntos Habitacionais, mais de oitocentos apartamentos construídos. Todos os prédios são em alvenaria estrutural de blocos de concreto, lajes maciças e pré-moldadas e tem oito unidades habitacionais por edifício. Todos os prédios possuem acesso veicular, o que favorece as condições de segurança.



Limpeza urbana, a melhoria do sistema viário proporcionou um grande aumento no atendimento.

Vilas	% Vias (2004-2008)	% população (2008)
Fátima	30%- 48%	70%
Cafezal	18%- 80%	80%
Marçola	60%- 60%	87%



Áreas de Risco, muro de arrimo de concreto, gabiões, solo grampeado/concreto projetado, cortina atirantada. Algumas obras, como as da Rua Ritmo no Cafezal e Rua Flor de Maio na Vila Marçola foram intervenções de grande porte e permitiram a permanência com segurança de diversas famílias.

Áreas de Risco 2004

Vila	Risco Alto	Risco Muito Alto	Total
Nossa Senhora de Fátima	489	62	551
Santana do Cafezal	176	22	198
Marçola	170	16	186

Áreas de Risco 2009

Vila	Risco Alto	Risco Muito Alto	Total
Nossa Sra. de Fátima	183	0	183
Santana do Cafezal	67	0	67
Marçola	20	0	20



Barragens de contenção de cheias, a melhoria do sistema de drenagem associado a construção de duas barragens resultaram em benefícios para a própria vila mas indiretamente para a cidade formal, que sofria constantes inundações e prejuízos provenientes das águas vindas do Aglomerado da Serra.

Saneamento, foram executadas mais de 2500 novas ligações de esgoto conduzidos diretamente a Estação de Tratamento de Esgoto (ETE Arrudas); 62 km de redes e ramais internos; interceptores de esgoto ao longo dos cursos d'água e ao redor dos parques.



5

**Complexo Esportivo Aglomerado da Serra,
Praça Bandoneon, Parque do Cardoso, Parque da
Terceira Água...**

**BHCIDADANIA, equipamento de apoio social a
comunidade**

UMEI Unidade Municipal de Ensino Infantil



abacaxi roxo, agave americana, agave azul, alpinea, alumínio, angélica, aptenia, árvore da felicidade, banana de macaco, bastão do imperador, beijinho, bico de papagaio, bico de veludo, boldo do chile, boldo, camarão amarelo, camarão azul, clusia, comigo ninguém pode, coração magoado, dinheiro em penca, dracena, dracena real, dracena vermelha, eritrina, espada de são jorge, espirotonema, espirradeira, azulzinha, furcreae, gerânio, giesta, heliconia, hibiscus, ipomea, algodão bravo, íris, ixoria, jasmim manga, jibóia, lambari, camará, lanterna chinesa, brinco de princesa, lichia, clorofito, maranta, maranta pavão, margarida, vedelia, margarida de árvore, moréia, onze horas, oropronobis, oropronobis amarelo, paineira rosa, palma, piteira, piteira amarela, piteira branca, piteira de bola, schefflera, taioba, yuca, zabumba, zebrina, olho de cabra, aroeira salsa, álamo, ipê amarelo, amora

espécies produzidas no viveiro escola

Equipamentos e Lazer

Beco Santo Antônio, Mini quadra poliesportiva, Playground, Mesas de dama

Rua São Vicente, capoeira e dança de rua, playground, skate

Becos da Terceira Água, Mini campo de futebol, Praça de ginástica

Complexo Esportivo Aglomerado da Serra, Praça Bandoneon, Parque do Cardoso, Parque da Terceira Água...

BHCIDADANIA, equipamento de apoio social a comunidade

UMEI Unidade Municipal de Ensino Infantil

Paisagismo

- Mais de sessenta jardins nos conjuntos habitacionais
- 13 praças de lazer (praça de skate, basquete rua, parkour, pomar ravel, playgrounds, academia, nascente, bicicleta, rua uniao, arauto, bandoneon, ginastica rua nascentes, projeto providencia)
- 3 equipamentos urbanos (cooperativa de costureiras, bhcidadania, praça de esportes)
- 31 áreas remanescentes
- recuperação de área de nascentes
- renaturalização de dois cursos
- parque do cardoso
- recomposição de mata jorge dario
- recomposição de mata ciliar
- semeadura manual (30000 m)
- arborização de vias
- arborização de becos

5



Emprego, renda e capacitação profissional,

O primeiro benefício em função da intervenção é a contratação da mão de obra. Foram gerados mais de mil vagas na área de construção civil, sendo que 80% destes empregos foram ocupados por moradores da região.

Programa de Remoção e Reassentamento

Programa de Educação Ambiental

Programa de Qualificação e Capacitação

Profissional, jardinagem, cozinha, garçon, costura, alvenaria estrutural, armação, carpintaria, eletricitista, alfabetização, atingindo milhares de pessoas

5

intervenções, serviços realizados, material utilizado

até outubro 2009

Intervenção	Unidade	Quantidade
Escavação mecânica	M ³	1.492.000
Demolição	M ³	95.000
Concreto armado estrutural	M ³	49.000
Aço	Kg	2.275.000
Alvenaria	M ²	122.000
Rede de esgoto	M	71.000
Rede de água	M	19.000
Drenagem	M	9.000
Cortina atirantada	M ²	48.000
Revegetação de taludes	M ²	45.000
Asfalto	M ²	52.000



5

Os resultados obtidos podem ser avaliados por mecanismos e indicadores de avaliação, pode mesmo ser visto do alto, através das imagens do GOOGLE EARTH, mas o maior impacto de toda a intervenção diz respeito à uma proximidade maior. Ao que foi alcançado pela comunidade. Aos benefícios advindos das intervenções físicas e que possibilitaram a regularização fundiária, integrando um complexo com cinquenta mil moradores à cidade formal.



Um muro de contenção
uma quadra
uma avenida
das intervenções implantadas
as menos naturais
tem mais chance de permanência

as intervenções naturais em centros urbanos
são sempre vistas como espaço vazio
para futuras intervenções
a cidade crescendo e ocupando as áreas livres

são áreas sem característica
vazias de sentido

ficam na cidade
quando não despercebidas
apenas incomodando

um matagal atrás de casa
não serve pra muita coisa
uma área livre
é sempre aos olhos da cidade
um lugar desperdiçado
sem utilidade

transformar alguma coisa
em algo útil
é próprio do homem
é cultura

na cidade
nenhum lugar tem o direito
de estar abandonado

6

continuidade

O Programa Vila Viva encontra-se hoje em execução. Surge, principalmente, para provar a viabilidade de se realizar a reestruturação urbanística de uma favela em conjunto com a requalificação e recuperação ambiental deste espaço. A fundamentação do Programa na participação popular estabelece uma nova postura no processo de urbanização.

“Assim as cidades do futuro, em vez de feitas de vidro e aço, como fora previsto por gerações anteriores de urbanistas, serão construídas em grande parte de tijolo aparente, palha, plástico reciclado, blocos de cimento e restos de madeira. Em vez das cidades de luz arrojando-se aos céus, boa parte do mundo urbano do século XXI instala-se na miséria, cercada de poluição, excrementos e deterioração.” (Davis, 2006).



Esse é o grande desafio de urbanistas, arquitetos, geógrafos, biólogos e todos os estudiosos do fenômeno urbano no século XXI, conciliar o crescimento urbano concentrado em áreas favelizadas - com a preservação e conservação ambiental necessária ao futuro do planeta. Este programa tenta apontar alguns caminhos na busca deste tênue equilíbrio.

Os conceitos de educação ambiental evoluíram significativamente em todo o mundo, de uma visão predominantemente preservacionista e fragmentada e direcionada unicamente à proteção da natureza, para uma visão crítica relacionada com as diferentes formas de apropriação dos recursos naturais, considerando-se para tanto as inter-relações decorrentes dos processos sociais, culturais, históricos e ambientais.

6

A dignidade respeitada através da intervenção estruturante

Implantar uma grande praça
assim de uma vez
com inauguração e tudo
às vezes da a impressão de que aquilo é da prefeitura
e não de todo mundo

O respeito por aquilo que não é próprio
fica aparente pelo respeito pelo que é de todos
regar um jardim na esquina do seu beco
aumenta no cidadão
o respeito pela coisa pública

A regularização fundiária
antes de acontecer
deve acontecer no cotidiano dos moradores

Entender que direito a moradia
significa limite territorial
não é tarefa fácil

Intervir estruturalmente implantando áreas públicas
traduz pro morador a linguagem da cidade
introduz no vocabulário da favela
palavras e significados

Estabelece o direito fundamental
direito a propriedade

A distinção entre o que é meu
e o que é de todos
apresentando benefícios
e respeito
por aquilo que é de todos

Tratando com cuidado
as pessoas e o espaço



6



Um parque foi projetado
pra ser uma grande escola ao ar livre
foram desenvolvidos projetos
praças para ginástica
música
percepção espacial
viveiro de plantas
esportes e jogos
tudo isto pra abrigar
as aulas da Escola Integrada
programa de extensão das escolas municipais.
são seis escolas apenas no morro, sem contar as dos
bairros vizinhos

Espaço pra abrigar aulas e laboratórios
para as escolas
um parque educativo, científico

projetos arquitetônicos foram desenvolvidos
inadequações entre projetos, execução e espaço
inviabilizaram a construção de todas as praças

Mas não inviabilizaram a apropriação deste parque

Como realizar executar implantar projetos
num lugar desconhecido?

De novo
com muito respeito
de novo
requalificando
dando qualidade
dando nomes

Um projeto arquitetônico
deve respeitar a favela
deve deixar claro a que veio
público ou privado

O respeito pelo espaço
deixa claro sua publicidade
A propaganda do projeto
resulta em sucesso
se o respeito for explícito

Reconhecer naquele espaço a importância do próprio espaço



*Um jardim veio da casa da dona
Maria
onde tinha lixo rato e barata
aparece um dia
três mulheres jardineiras
plantando as rosas da dona Maria
comovida
ela passa por ali antes do trabalho
e rega todas elas*

*Comovidos os vizinhos
começam a levar o lixo
pra outro lugar
neste caminho encontram
o caminhão de lixo
que agora passa
perto do beco*

*no morro
tem coisa que comove
nada de dó ou pena
apenas comove
é que tem horas
que é preciso amor
pra se pensar*

Um caminho foi construído
muitos caminhos foram construídos
caminhos ou inícios de caminhos

Neste parque hoje
existe um viveiro de mudas enorme
que produz todas as plantas utilizadas
nos projetos paisagísticos implantados
existe um córrego com cachoeira
onde antes descia esgoto
existem dezenas de árvores frutíferas
que sempre estiveram ali
conhecidas pelas crianças

Sem tratores mas com muito respeito
se construiu um grande parque
se construiu um grande local público

Este parque tem futuro?
Este parque tem presente
o futuro o público dirá

A apropriação de espaços públicos
é o maior objetivo de um projeto
construir algo que seja aceito
respeitado cuidado

O reconhecimento de um lugar pela população pode
às vezes levar mais tempo do que se imaginou ou
projetou. Analisar estas dificuldades e encontrar
soluções.

Construir espaços públicos dinâmicos

Espaços que cresçam com o tempo
cresçam no imaginário das pessoas
responsabilizando o cidadão por toda a intervenção.

Sendo responsável pelos espaços e intervenções
o cidadão passa a compreender melhor a
regularização fundiária. Percebendo a diferença entre
áreas públicas e privadas.

AS INTERVENÇÕES URBANÍSTICAS E AMBIENTAIS NO AGLOMERADO DA SERRA TÊM UM CARÁTER INOVADOR DEVIDO A DIMENSÃO E CARÁTER DA PROPOSTA: UNIVERSALIZANTE, INCLUSIVO E SUSTENTÁVEL. O PROGRAMA VILA VIVA APRESENTA-SE COMO UM DESAFIO, TANTO PARA O PODER PÚBLICO QUANTO PARA A COMUNIDADE.

O processo de urbanização é temporário
os resultados não podem ser

Durante o processo executivo a fiscalização teve
sempre claro que um dia o trabalho terminaria
mas não os resultados e a permanência das
intervenções

Isto diminuiu o risco de que um processo de
urbanização e transformação social terminasse junto
com o término das obras.

Responsabilizando o morador pela fiscalização e
controle das intervenções. Mudando a relação
patrimonial do morador com o espaço requalificado.

Uma comunidade necessitando cada vez menos de
programas e assistências sociais
uma comunidade cada vez menos dependente de
vontades políticas

Cada vez mais apta a se relacionar com a cidade
através de processos e instrumentos democráticos



a favela vira cidade
a cidade vira favela

7

possibilidades

A implantação de infra-estrutura e urbanização em uma cidade de 50 mil habitantes provoca na cidade receptora desta integração dificuldades administrativas e financeiras

A qualidade desta urbanização é medida pela proporção entre o investimento e a necessidade de manutenção futura

Um processo de urbanização tem que ser o mais sustentável possível diminuindo os custos de implantação e reduzindo as necessidades de manutenções

Este foi o desafio do Vila Viva executar uma intervenção estruturante reorganizar espacialmente e socialmente os moradores de uma favela de 50 mil pessoas produzindo uma cidade sustentável sem que a integração desestabilizasse a máquina administrativa da cidade formal

O objetivo da urbanização é a implantação de infra-estrutura, intervenções estruturantes, possibilitando a integração de um assentamento excluído da cidade através da regularização fundiária. Implantar equipamentos urbanos e requalificar um espaço. E finalmente entregar estes equipamentos construídos para a própria cidade.

Mas como fazer esta transição? Como entregar para a cidade formal uma outra cidade de cinquenta mil habitantes? Como realizar esta entrega sem perturbar o processo de participação e conquista popular que deu origem à integração? Como impedir que este processo funcione como instrumento de deseducação para a comunidade? Como impedir que esta entrega se transforme num “lavar as mãos”, num transferir de responsabilidades futuras?

Através de acompanhamento e fiscalização. Criando mecanismos de controle e fiscalização.

A recuperação, a construção de recursos naturais em áreas de ocupações irregulares tem um grande papel além de melhoria ambiental e espacial.

Funciona como um indicador da apropriação das intervenções físicas.

7

Como acompanhar a apropriação das intervenções físicas, garantindo a permanência e a continuidade dos resultados alcançados?

A participação popular é um exemplo a ser seguido. Conselhos gestores.



O Córrego do Violão, curso d'água do Parque da Terceira Água, era usado como coletor de esgoto de parte da Vila Fátima, com a implantação dos interceptores de esgoto as suas águas começaram a correr limpas, mas seu leito e suas margens estavam repletas de lixo e lodo de esgoto. Seu curso impedido ou desviado por entulhos ou escorregamentos de terra. Foram precisos dois anos de trabalho para que ele pudesse ser totalmente saneado e limpo. Além de fiscalização intensa evitando novos lançamento de esgoto ou vasamentos das tubulações. O trabalho de Remoção e Reassentamento garante ao morador das Unidades Habitacionais o acompanhamento das famílias por um período de dois anos após a mudança. Este trabalho fornece ao morador maior segurança numa nova condição de vida.

Após o plantio de centenas de árvores numa mata ciliar ou da mudança de uma família para um apartamento é preciso acompanhamento. Dois anos foram necessários para o Córrego do Violão e o Parque da Terceira Água se transformar num equipamento de lazer. As vezes leva tempo pra se reconhecer um parque onde antes corria esgoto.

A criação de conselhos gestores, a co-responsabilidade adquirida com a comunidade através das lideranças e núcleos de referência, as reuniões e assembléias, todos os mecanismos de mobilização, a transparência dos projetos e intervenções, os programas sociais de acompanhamento e educação e principalmente a permanência da equipe em campo, trazem segurança ao processo.

Após o período de intervenções tem início o parcelamento do solo e a regularização fundiária.

A presença constante do poder público garante segurança ao morador e também garante à cidade mecanismos de diálogo.

Após a entrega das unidades habitacionais a Equipe Social acompanha os moradores por dois anos.

Após a entrega de uma praça a Administração Regional da Prefeitura assume.

Um equipamento comunitário, a Política Social Municipal passa a gerenciar.

As áreas de preservação são entregues à Fundação de Parques.

A elaboração de manuais, memoriais descritivos, planos diretores e outros instrumentos de gestão sempre foi um recurso de comunicação com a comunidade e de canal de diálogo da comunidade com a gestão municipal.

Ao receber um equipamento construído pelo Vila Viva o poder público precisa conversar na mesma língua que o programa conversou com a comunidade nestes anos de intervenções.

O desenvolvimento do plano diretor dos parques do Aglomerado teve o objetivo de apresentar e entregar da melhor maneira as áreas de proteção ambiental implantadas pelo programa. Apresentar maneiras de gestão compartilhada, de conselhos gestores e demais instrumentos de apropriação e governança dos espaços públicos da cidade.

Plano Diretor das Áreas Públicas do Aglomerado

A formação de uma rede de profissionais de jardinagem autônomos tem apresentado resultados positivos desta gestão executiva. Que através da utilização de espaços livres, para a produção de mudas ornamentais usadas na manutenção e implantação de jardins na cidade formal realiza um trabalho de fiscalização e manutenção.

A participação desta rede na cidade formal coopera também para a apresentação dos resultados de Requalificação Ambiental realizado no Aglomerado da Serra, aproximando a cidade da favela.

A rede de profissionais além de se tornar co-responsável pelos parques através da implantação de viveiros produtivos é formada também de moradores locais que, através de um instrumento da URBEL (Termo de Uso Não Edificante de Área Remanescente), se apropria de áreas antes degradadas por lixo ou entulho resultantes de remoções de risco ou de intervenções, realizando ali pequenos jardins produtivos de mudas ornamentais. Estas pessoas são cadastradas e se responsabilizam por estes espaços antes reservados à possíveis novas ocupações com moradias ou por lançamento de lixo e entulho.

Este trabalho poderá ser associado ao trabalho de um outro programa da Prefeitura Municipal (SLU-Superintendência de Limpeza Urbana) chamado Agentes Comunitários de Limpeza, formado por moradores da comunidade. A capacitação destes Agentes em técnicas de jardinagem e manutenção de jardins além de proporcionar a formação profissional e consequente profissionalização e geração de renda, transformaria o trabalho de limpeza urbana em agente de capacitação da comunidade como um todo a respeito da diferenciação entre áreas públicas e privadas. Cooperando para o trabalho de Regularização Fundiária, definindo limites precisos através da requalificação espacial destes locais antes degradados e abandonados.

Conselho Gestor

A Gestão das áreas destinadas à implantação dos Parques do Aglomerado, assim como todas as áreas de Parques da cidade, ficará a cargo da FPM-Fundação de Parques Municipais de Belo Horizonte.

Ainda cumprindo determinação das Condições do Licenciamento Ambiental, um Conselho Gestor deverá ser constituído sendo partes deste Conselho representantes da Secretaria de Meio-ambiente, Fundação de Parques Municipais, Secretaria de Administração Regional Municipal Centro-sul, Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte e da Comunidade representada pelo Conselho Consultivo.

A formação deste Conselho Gestor segue a linha dos outros conselhos já constituídos para gestão de outros equipamentos públicos municipais. Tendo representantes da comunidade como conselheiros consultivos.

No Aglomerado da Serra a capacitação e formação da Equipe Ambiental e principalmente dos profissionais formados pela Escola de Jardinagem apontam para um outro caminho de coresponsabilidade da gestão das áreas de parques implantadas.

A formação de um Conselho Consultivo mas também Executivo.

A implantação do Viveiro Escola, como fornecedor de mudas para os projetos paisagísticos, aliada ao processo de intervenção saneadora do curso d'água possibilitaram uma apropriação saudável do Parque da Terceira Água pela comunidade como equipamento de lazer. Mas acima de tudo como equipamento produtivo comunitário.

Os jardineiros formados pela Escola e também os cadastrados pela Equipe Ambiental formam um grupo de profissionais que através do trabalho de produção de mudas fazem a gestão e manutenção de todo o parque. Cooperando com a fiscalização e principalmente diminuindo muito as despesas com manutenção deste equipamento.



Todo este trabalho de apropriação e requalificação tem dado certo e apresentado resultados muito positivos. Foram realizados mais de trinta jardins em áreas remanescentes, destes jardins nenhum foi novamente degradado ou foi invadido por novas moradias. Aqui vale uma observação interessante sobre a metodologia participativa.

As áreas ou praças implantadas com projetos paisagísticos realizados por paisagistas contratados ou voluntários foram degradadas pela comunidade. Ao contrário daqueles projetos realizados como oficinas da Escola de Jardinagem, que foram respeitados e apropriados. Demonstrando mais uma vez o potencial da participação popular como ferramenta de gestão dos espaços públicos implantados pelo Programa.

Pensar hoje num processo descentralizado de gestão pode ser audacioso mas também promissor e de pouco risco para o poder público. A gestão executiva teria autonomia mas seria fiscalizada pela FPM e demais órgãos públicos envolvidos no Conselho Gestor.

A preocupação com a sustentabilidade das intervenções foi sempre uma constância no processo executivo do Vila Viva, ferramentas de educação e capacitação comunitária foram desenvolvidas e aplicadas com este objetivo, mas sustentabilidade começa no final do processo executivo. É preciso pensar em ferramentas de fiscalização e manutenção para esta infra-estrutura implantada a fim de se evitar que os recursos naturais recuperados, tão essenciais para o monitoramento de toda a intervenção, sejam abandonados e novamente degradados, implicando também num descontrole e degradação em relação às próprias intervenções físicas.

O paisagismo finaliza, dá acabamento, apresenta a intervenção, um local abandonado deixa de ser lugar para voltar a ser uma terra de ninguém.

Parque do Cardoso

Diretrizes

Um Parque contemplativo sem acesso direto da população. Um Parque para ser visto e admirado de longe. Mas que mesmo longe cause emoção e desperte a curiosidade. Desperte o sentimento de próprio, de pessoal, de proximidade.

Um espaço contemplativo, mas perto de todos. Perto de cada um. Um jardim, um quintal, um terreiro da casa de todos. Na vida de todos.

Os esportes definidos para o Parque do Cardoso fizeram do Parque um grande Parque de Esportes Radicais, talvez o maior da cidade com este tema.



Parque do Cardoso

Escolinha de Introdução ao **Skate**

Público alvo: crianças e adolescentes

Período: 07/2007 a 11/2009

Periodicidade: três vezes por semana turmas pela manhã e a tarde

Público capacitado: 20 crianças por turno totalizando **320** alunos

Público iniciante: crianças das escolas vizinhas totalizando **720** crianças

Escolinha de Introdução ao **Parkour**

Público alvo: crianças e adolescentes

Período: 10/2008 a 02/2009

Periodicidade: três vezes por semana turmas pela manhã e a tarde

Público capacitado: 30 crianças por turno totalizando **120** alunos

Público iniciante: crianças das escolas vizinhas totalizando **320** crianças



Parque da Terceira Água

O Parque da Terceira Água vai ser o grande parque do Aglomerado. Os equipamentos de lazer construídos foram elaborados com a diretriz de serem utilizados como ferramentas da Escola Integrada, programa da rede municipal de ensino, beneficiando diretamente a população.

Viveiro Escola

Viveiro

- produção de aproximadamente **30.000** mudas de ornamentais e arbóreas
- mais de **70** espécies

Escola de Jardinagem

Educação Ambiental, Capacitação e Ocupação

Educação Ambiental, com atividades de Iniciação a Jardinagem para criança (**250** crianças atendidas por semestre), percepção ambiental(**370** crianças atendidas por semestre), atendimento a visitas orientadas, atendimento a escolas e faculdades e desenvolvendo atividades e ações da Escola de Jardinagem.

Pela Escola de Jardinagem foram capacitados por volta de **60** moradores.



Futuro e Apropriação

A Educação Ambiental do Programa Vila Viva partiu na direção de transformar estas áreas de proteção ambiental em áreas públicas. Proporcionando uma maior apropriação destes lugares após sua renaturalização. Sendo estes espaços hoje utilizados como referência de lazer e qualidade de vida para a comunidade.



Parque da Segunda Água

Parque do Pocinho

Parque da Primeira Água

Mata do Cafezal...

Provocar o reconhecimento de um lugar como espaço público facilita o processo de parcelamento e regularização. A manutenção dos espaços públicos construídos e resgatados aumenta a segurança e a garantia do processo de titularização. Ter as áreas públicas bem cuidadas aumenta o respeito pela obra pública.



Parque? Vai ter roda gigante?
"Criança do grupo mirim de Educação Ambiental".
Parque tem que ter roda gigante.
Se não tem brinquedo, não é parque.
Ali no meio do esgoto e do lixo vai nascer um parque.
O Parque do Cardoso.
Vai ter roda gigante?
Não. Não vai ter nenhum brinquedo.
Vai ser um parque contemplativo...
E fiquei eu contemplando, ali parado, aquelas crianças.
Tentando explicar pra que diabos servia um parque contemplativo.
Ali, bem na entrada do aglomerado, um parque fechado. Sempre fechado.
O primeiro parque a ser feito. A vitrine da intervenção.
Mas não pode tocar. Ninguém pode entrar. Só contemplar.
Contemplar o quê?
Preservar o quê?
Um parque sem motivo aparente.
Um parque sem ser parque, vale a pena chamar de parque?

Pode até não ter roda gigante mas tem que ter brinquedo.
Tem que ser divertido.
Mesmo se for contemplativo, que seja bom só de olhar.

Que diversão encontramos ali naquele lugar?
Um canal que recebe três córregos.
Encontramos um encontro de águas. Das águas do morro.
Uma duas três. Primeira segunda e terceira Águas de Fátima.
Um parque santuário. Um Santuário pra N. S. De Fátima.

Nem tanto ao céu nem tanto ao inferno.
Um parque para a água.
Uma água que vai passar mais limpa.
Uma não, três. Três águas que descem do morro.
Um bom motivo de contemplação.
Um bom motivo pra diversão.
Com cores e flores.
E ali no cantinho pode até caber uma capelinha.
E que Nossa Senhora de Fátima nos abençoe.

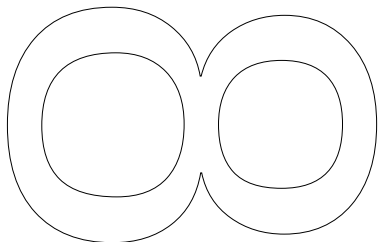


....A casa de adôbe , o chão de terra (limpinho), o fogão a lenha o bule de café
sempre no cantinho da trempe
...angú , costelinha , orapronobis ...
lâmparina , lâmpião , banho de água da mina...
quintal árvores várias : candeias ,cedros ,ipês,sibipirunas ,
frutíferas jabuticabeiras ,goiabeiras aos montes , mangueiras...jambos...
ornamentais rosas , palmas , piteiras , imbés,margaridas, jasmims...
pássaros tantos ! sábiás , bentevís,canários, sangues-de-boi , azulões,tico-ticos , periquitos...
noite de fogueiras batata doce no meio...
bandeiras de santana , de são joão , de são miguel...
bilhetes ternos , cartinhas de amor pueril...
moda de viola meu velho pai com voz sentida
(" o sereno da madrugada como é triste !
como uma voz anunciando o som de uma lira !
não me faça lembrar de um tempo já passado ,
porque minha alma de paixão ainda suspira...")
ficava extasiado ...meus olhos brilhavam mais que as labaredas ...
mais que o clarão da lua cheia...
reminiscências de minha infância...

Hoje ; o asfalto , luz elétrica ,água encanada , interceptores de esgoto,
telefone, internet, TV a cabo, prédios , carros, casa de cultura ,
escola pertinho , campo de futebol de verdade ...

A água do córrego um dia virou esgoto...
hoje está novamente limpa
talvez meus filhos não tenham mais aquela vida bucólica de minha infância , interiorana,
mas o banho na água da mina com certeza.

Marco Antônio Barbosa - coordenador de campo da Equipe Ambiental



invisibilidade

Este livro narra a história da construção de uma cidade já construída

No beco das nascentes no alto da serra do curral
uma pessoa fez um castelo
de restos de construção e peças achadas no lixo
e ruas da cidade
uma grande miniatura de castelo

Atravessando a rua
uma senhora construiu um bosque
no seu quintal
plantou dezenas de eucalipto
e na entrada da casa
fez caminhos com bordaduras de flores

Um pouco mais abaixo na mesma rua
uma família inteira
construiu sua casa
na caixa d'água desativada
da companhia de águas da cidade

Numa mesma rua
tantas histórias

Na favela o mais impressionante
são as histórias de vida das pessoas

Estas infinitas histórias que nortearam o PGE e o Vila Viva permanecem ocultas da própria cidade por causa da exclusão social.

Deste contato, do compartilhar deste encontro
muitas ideias surgiram
muitas ficaram apenas nas ideias
muitos projetos foram feitos
muitos ficaram apenas nos projetos
e muitas ideias e muitos projetos
ainda a serem feitos

O Programa recebeu a visita de mais de trinta países diferentes, quase todos os estados do país enviou representantes técnicos para conhecer as metodologias utilizadas, centenas de escolas, faculdades e empresas encontraram no Vila Viva assunto para projetos de pesquisa ou novas possibilidades de integração.

A transparência do processo executivo foi além de apenas trabalhar de portas abertas para a cidade e para o morro, o Vila Viva convidou estudiosos e pesquisadores para a discussão. Apresentando respostas e caminhos.

Alguns caminhos executivos, outros sociais, outros ambientais, muitas possibilidades foram desenvolvidas, apresentar estes caminhos tem o significado maior de apresentar a favela pra cidade



Projeto Gráfico de edição
de mini-livro
com histórias
de moreadores do Aglomerado
Histórias possíveis e impossíveis

Dona Rosinha

*Dona Rosinha
era muito boa com plantas
mas na sua casa
não tinha muito espaço pra plantar*

*Pra sobreviver
além da cesta básica
ela alugava o seu terreno
pro moço fazer ferro velho*

*Mas da sua casa
sairam duas carrocerias
de plantas que ela cultivava*

*Da casa dela
nasceu um viveiro inteiro*

*Tinham roseiras enormes
dentro de latinhas de molho de tomate*

*Tinha amexeira dando ameixa
em bacia de lavar roupa*

*Tinha também muita flor
em caixinhas de leite e garrafa pet*

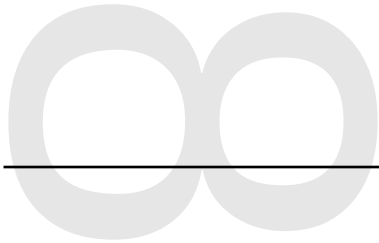
*Mas no peitoril
da única janela*

*Enfileiradinhas
caixas de fósforos
cheias de mudinhas*

Do cadastro social muitas histórias foram descobertas
muitas outras foram apenas inventadas
algumas delas foram transformadas
em escritos
pequenas escritos
grandes histórias
guardados numa caixa de fósforo
porque de onde menos se esperava
é que a solução para grandes problemas
aparecia

Do pequeno jardim
de Dona Rosinha
centenas de mudas
foram feitas
e surgiu um grande viveiro





Micro jardim
em aço inox
desenvolvido para o site
de cadastro de profissionais em
jardinagem e paisagismo

www.jardimcidadeo.blogspot.com

Do trabalho de integração
muitas parcerias se fizeram
Empresas desenvolveram produtos
inspirados nas ações do Programa

Dos Jardins do morro
um micro jardim nasceu

Um cartão de apresentação
da Equipe de Jardineiros
formadora da rede de profissionais
em paisagismo e jardinagem
atuante na cidade

Projeto Gráfico de edição
Plantas do Morro
catálogo informativo
técnicas de cultivo
das plantas do Viveiro Escola

As plantas cultivadas
no viveiro do morro
viraram plantas para a cidade

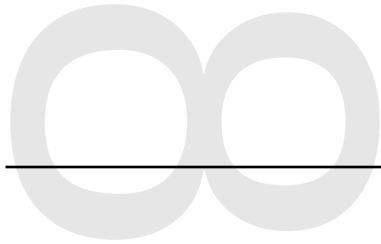
Viraram um manual com mais de setenta espécies
diferentes de plantas pra jardim

Um catálogo com dicas de plantio e manutenção
muito úteis pra profissionais em paisagismo
e jardinagem



* Nome Científico: Etlingera
elatior
* Sinonímia: Alpinia elatior,
Nicotiana elatior, Phaeomeria
speciosa
* Nome Popular: Bastão-do-
imperador, gengibre-tocha, flor-da-
redenção
* Família: Zingiberaceae
* Divisão: Angiospermae
* Origem: Indonésia
* Ciclo de Vida: Perene





Mais de duas mil moradias foram demolidas, removidas pelo Programa Vila Viva em obras estruturantes e remoções de áreas de risco. Duas mil famílias foram reassentadas em outras moradias e apartamentos. Estas milhares de pessoas saíram de suas casas para uma outra realidade de vida, passaram por suas portas para não mais poder voltar. Duas mil portas, cada uma diferente da outra.

Uma homenagem ao trabalho social do Programa de Remoção e Reassentamento e às pessoas atendidas.





Cidadania

*Por que a cidade
precisa conviver
com a favela?*

Precisa não

*Precisa conviver
com o cidadão
que mora na favela*

Favela não é condição

*Favela é apenas
situação*

Terminar um processo de Urbanização em um assentamento irregular não tem o aspecto de fim, mas sim de início. Os resultados, o trabalho, o esforço de todos, o convívio com moradores, diante de tantas conquistas alcançadas, ainda fica o desejo de dar mais um passo adiante.

O Vila Viva aconteceu e está acontecendo em muitas vilas e favelas de Belo Horizonte, construindo maneiras possíveis de integração. A cidade encontrando caminhos para crescer de um modo mais justo e sustentável.

